



*Todas [as]
distâncias: poemas,
aforismos e ensaios de*

Beatriz Nascimento

Organização: Alec Ratts & Bethânia Gomes

A PESQUISA empírica de Nascimento reconhece as realidades geográficas contemporâneas de quilombo, mapeando as memórias de quilombolas através da etnografia dos arquivos. Ela conduziu sua pesquisa empírica mais substantiva em três quilombos no estado de Minas Gerais na década de 70. Estava convencida de que quilombos poderiam não só ser definidos como espaços “remanescentes”. Ela teorizou a “favela” como um espaço de quilombo — provocando-nos a imaginar o quão longe seu modelo de quilombo pode ir como modelo anti-estado. Voltando às palavras de Evaristo, “viver a poesia em (circunstâncias de colonização e escravidão) de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contra fala ao discurso oficial, ao discurso do poder”. Se a poesia era um espaço de quilombo para Beatriz Nascimento, era também um espaço de fuga e libertação — um território negro político.

(Christen Smith - Universidade do Texas em Austin)



Literatura Negra
Ogum's
TOQUES NEGROS
EDITORA

Todas (as)
distâncias:poemas,
aforismos e ensaios de
Beatriz
Nascimento

Alex Ratts (Org.)

Arnaldo Xavier

Beatriz Nascimento

Bethania Gomes (Org.)

Conceição Evaristo

Christen Smith

Iléa Ferraz

Lúcia Gato

EDITORA OGUM'S TOQUES NEGROS

Diretor : Guellwaar Adún

Vice-Diretora : Mel Adún

CONSELHO EDITORIAL

Alex Ratts

Ari Sacramento

Claudia Santos

Cristian Sales

Edimilson de Almeida Pereira

Eduardo Oliveira

José Henrique de Freitas Santos

Livia Natalia

Moema Parente Augel

Oswaldo de Camargo

Ricardo Aleixo

Ronald Augusto

Todas (as)
distâncias: poemas,
aforismos e ensaios de
Beatriz
Nascimento

Alex Ratts (Org.)

Arnaldo Xavier

Beatriz Nascimento

Bethania Gomes (Org.)

Conceição Evaristo

Christen Smith

Iléa Ferraz

Lúcia Gato



2015

© Ratts, Alex. Gomes, Bethania, 2015

Esta obra não pode ser reproduzida total ou parcialmente sem a autorização por escrito da Editora Ogum's Toques Negros.

EDIÇÃO

Guellwaar Adún &
Alex Ratts

FOTO DA CAPA

DIREÇÃO DE ARTE

Dadá Jaques

ARTE-FINALIZAÇÃO

Guellwaar Adún

REVISÃO

José Henrique de Freitas Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

O35 Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento.

Organizado por Alex Ratts e Bethania Gomes
200 p.: il.

1. Literatura brasileira - Escritora Negra. Nascimento, Beatriz
CDU: 821.134.3(81)

Este livro é de Beatriz Nascimento

Dedicado a Rosa, Ana Maria e Regina (em memória), a Carmem, Zélia e Isabel,
irmãs da família Nascimento

As páginas de um livro passam por muitas mãos além de quem o escreveu e, neste caso, quem o organizou. Nossa gratidão tem várias direções: para Clécia Santana, Márcia Carvalho e Ana Lúcia Lourenço, em Goiânia, que digitaram parte significativa dos poemas e dos ensaios; para a Fundação Cultural Palmares que, por meio do edital Ideias Criativas, possibilitou a fase final de pesquisa e impressão; para Guellwaar Adun e Mel Adun pela pronta recepção desta coletânea na Editora Ogum's Toques Negros; e para Henrique Freitas pela revisão feita com generosidade e acuidade.

SUMÁRIO

A noite não adormece nos olhos das mulheres – Conceição Evaristo

Folheando papéis – Alex Ratts e Bethania Gomes

Beatriz, minha mãe – Bethania Gomes

POEMAS – PARTE 1 – PRÓXIMA, PRIMORDIAL

Abertura I

Insegurança

Prima filha

Oração I

Paciência

Regina [I]

Betha

Vertigem

Sonho

O inesperado aconteça

Baby te amo

Um retrato...

POEMAS – PARTE 2 – MÍTICA, HISTÓRICA

Legbá

Ancestres

Urgência (Zumbi)

Urgência II (Quilombo dos Palmares)

Mais uma vez saudade

Aeroporto

Ilha de Vera Cruz (Primeiro Nome)

Transgressão (aula de micropolítica)

Os homens da minha rua

Mídia [I]

Quero escrever um conto

Odisseia – Ano 2001

As acontecências

Marcas
Mediocridade
Anti-racismo
Absurdo
Sol e Blue

POEMAS – PARTE 3 – EXISTENCIAL, CÓSMICA

I (Fazem-me lembrar relíquias...)
Vésperas II
Se fosse real em minha mente
Surto final (Estação terminal)
Cura
Secreto
Rotas
Resgate
Câncer
Luci
Marúcia
Luna
Querer bem
Máscara
Tem uma história
Electric Lady Land
Femme Erecta
Argonauta

AFORISMOS

Várzea das Flores
Anos 60
Como começou
Quando te disseram
(Até ontem e amanhã)
Nascimento
De todos os amores...
Se eu pudesse encontrar o fio...

ENSAIOS

Meu negro interno

Acerca da consciência racial

Literatura e identidade

LEITURAS DE LONGE-PERTO

Beafricanção – Arnaldo Xavier

Entre os corpos humanos e celestes: onde ela se sente bem? – Alex Ratts

Cabeça de Negra: a poesia atlântica na construção da cena – Lúcia Gato

A iluminação poética de Beatriz Nascimento – Christen A. Smith

Citações, expressões e outras referências – Alex Ratts

As(os) autoras(es)

A noite não adormece nos olhos das mulheres

CONCEIÇÃO EVARISTO

[Em memória de Beatriz Nascimento]

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

Folheando papéis: apresentação

ALEX RATTIS & BETHÂNIA GOMES

DESDE que nos conhecemos em outubro de 2007, alguns minutos antes do lançamento de *Eu sou Atlântica* no Cine Afro Carioca de Cinema situado na Lapa, cultivamos uma amizade-irmandade e temos tratado da vontade de trazer à tona os trabalhos inéditos de Beatriz Nascimento. Entre nós dois, uma almejava publicar os poemas de sua mãe e passou a mantê-los em sua guarda para se dedicar a esta atividade. O outro tinha a intenção de publicar os ensaios inéditos. Foi no apartamento em Botafogo que estivemos juntos duas vezes, em março e novembro de 2013 para fazer a pré-seleção dos poemas. Posteriormente nos encontramos em outubro de 2014.

Quem conheceu pessoalmente Beatriz Nascimento sabe de sua verve poética. Quem conhece parte de sua obra, sobretudo os textos escritos e narrados por ela no filme *Ori*, dirigido por Raquel Gerber, pressupõe que ali estão trechos de poemas ou, melhor, dizendo, textos em poemas. Poetas negras e negros que tinham proximidade com ela conheciam esta produção e dialogavam com ela, como Jônatas Conceição da Silva de Salvador, Éle Semog e Conceição Evaristo do Rio de Janeiro, que por sua vez têm ligações com a publicação denominada *Cadernos Negros* realizada a partir de São Paulo. No acervo de Beatriz Nascimento depositado no Arquivo Nacional há material de poesia de Oliveira Silveira e outros(as) poetas.

Beatriz havia feito uma compilação de alguns poemas e aforismos escritos entre 1983 e 1986, depois acrescida com outros redigidos até 1991, com a ressalva de que alguns não são datados. É um material que está datilografado, encadernado, com algumas revisões feitas à mão e assim intitulado:

POEMAS

DO

INFINITIVO

Maria Beatriz Nascimento (Rio, 1986)

(Cósmicos)

(Cânticos)

O poema *Urgência* veio a público no Jornal do MNU em 1988 e foi republicado em *Eu sou Atlântica*, assim como *Inusitado*, *Rotas*, *Sol e Blue* e *Anti-Racismo*. Todos os outros são inéditos. Além dos poemas e dos ensaios, encontramos muitas anotações manuscritas e /ou datilografadas sobre vários temas. Decidimos, então, que esta parte do material seria denominada de “aforismos”, como Beatriz mesma intitulou um de seus escritos.

Alguns poemas, aforismos e ensaios trazem no original, manuscrito e/ou datilografado, a data e, por vezes, o horário e a localidade em que foram escritos. Algumas vezes há dedicatórias que também deixamos na versão final. Parece que é uma tentativa de Beatriz Nascimento de indicar as coordenadas temporais e espaciais de sua trajetória. As pessoas mencionadas são referências de seus percursos familiares e também da vida pública. Em cada texto aqui editado mantivemos, quando havia, o ano e a dedicatória.

No tocante à grafia das palavras, usamos as normas do atual acordo ortográfico e, no caso, de termos e expressões em outras línguas, procuramos ficar o mais próximo possível dos originais. Quando havia mais de uma versão, optamos por nos aproximar daquela que foi datilografada e/ou compilada por Beatriz Nascimento.

Esta coletânea é o resultado de duas leituras, duas intenções, que convergem: a da filha, que é bailarina, e a do pesquisador, antropólogo e geógrafo, que também é poeta. Muitas vezes



adentramos demais no universo sensível dos textos e nos comovemos. Noutras vezes fomos tomando distância e fazendo uma seleção mais objetiva.

Selecionamos o que consideramos que são textos de qualidade. Não é uma seleção feita com base em uma crítica literária ou mais precisamente poética. Para nós o importante é tornar público uma parte significativa da escrita que consideramos representativa da trajetória pessoal e pública, artística e política de Beatriz Nascimento, de seus contextos, de seu tempo–espaço.

Os quarenta e oito poemas foram divididos em três partes, considerando que, a partir da leitura, tínhamos em mente grandes temas abertos: 1. **Próxima, primordial**: conjunto de poemas que se referem à infância, à formação da família, às pessoas próximas de sua vida adulta; 2. **Mítica, histórica**: esta seleção traz a interpretação que Beatriz faz do arquétipo de alguns orixás, das relações raciais, dos quilombos, algumas citações sobre a História, os processos históricos e o trabalho com os documentos; 3. **Existencial, cósmica**: textos que tratam do fazer poético, de questões pessoais como a saúde mental, e outros em que os corpos celestes podem ser lidos como metáforas da existência, da solidão, da feminilidade, dentre outros assuntos. Os mesmos temas podem ser encontrados nos **aforismos**, assim como nos **ensaios**. Estes últimos são completamente inéditos no Brasil, pois “*Meu negro interno*” foi publicado no jornal *Village Voice* de *New York* com o título “*My Negro Inside*”.

Em muitos dos textos a subjetividade da autora aparece diretamente e há menções a problemas pessoais como perdas de parentes, a exemplo de mãe e pai, e com doenças específicas como é o caso da irmã Regina, acometida de câncer. Há menções aos transtornos psíquicos e aos tratamentos pelos quais Beatriz Nascimento passou nos anos 1980.

Este livro é fruto de uma amizade que se tornou uma irmandade ao longo de alguns anos, mas é principalmente a vontade de trazer à tona mais uma expressão de uma pessoa pública cuja trajetória se correlaciona com os processos históricos do país – ditadura, democratização, reorganização do movimento negro – que afetam particularmente a população negra e as mulheres.

Folheando estes papéis encontramos uma pesquisadora, militante, escritora, poeta e também mãe, filha, amiga, irmã. São textos que trazem um pouco da vida particular de uma figura pública, bastante conhecida por seus posicionamentos e por sua determinação, que tinha uma escrita pessoal que marca igualmente quem passa a conhecê-la tratando de temas pouco comuns à militância. Esperamos que esta escrita poética permita que se refaçam muitas distâncias com seus textos historiográficos.

Este retorno se dá em companhias especiais, a exemplo dos poemas de Conceição Evaristo e Arnaldo Xavier dedicados a ela; um texto de cada um de nós (o de Bethania sobre o reencontro com a obra da mãe e a vontade de publicar os poemas e o de Alex acerca da poética de Beatriz); o artigo da atriz e ativista Lúcia Gato que prepara um recital com os poemas; o artigo da antropóloga Christen A. Smith que correlaciona Beatriz com poetisas negras estadunidenses e as ilustrações de Iléa Ferraz feitas exclusivamente para este livro.

É mais um retorno de Beatriz Nascimento. Ela está voltando.

Beatriz, minha mãe

BETHÂNIA GOMES

CONHEÇO Beatriz Nascimento como mãe. Uma bela mulher no qual eu me identificava. Simplesmente mamãe. Durante a minha infância eu ouvia uma palavra em especial vindo de Beatriz, e a palavra era “negro”. A palavra negro, vinha em variações como “o negro brasileiro”, “o negro americano” e “a mulher negra.” Em alguma altura na minha mente infantil eu acreditava que ela teria nascido dizendo a palavra Negro. Eu imaginava Beatriz menina com sua família, irmãs, irmãos e pais pronunciando a palavra como seu tema principal entonado — “o negro”.

Crescendo, a palavra negro era parte do meu cotidiano — conversas, escritas e debates de minha mãe. As palavras África e Diáspora também vinham frequentemente. Eu me perguntava: por que a minha mãe fala do negro o tempo todo? Como uma menina negra de classe média baixa. Crescendo no Rio de Janeiro, minha resposta veio do meu viver nesta cidade. Na minha cabeça a favela e as faces das pessoas como eu “os negros”, não havia nenhuma poesia. Sim nós temos o samba o carnaval, mas eu ouvia Beatriz falando de outra coisa e esta “outra coisa” era e ainda é parte da nossa situação cotidiana.

Como criança ouvindo tudo isso, um dos meus maiores monstros se tornou o “racismo” e este monstro tinha um sobrenome: injustiça racial e humana.

Beatriz foi à África, ao Caribe. Escreveu muito. Muito sobre o negro e o racismo. Mas um dia perto da então comemorada data da abolição da escravatura, 13 de Maio uma frase me chamou a atenção. “É preciso saber de onde se vem para saber onde se vai”. E está foi a primeira vez que percebi que ativismo também tinha poesia.

Beatriz escrevia noites, madrugadas e dias. Eu muitas vezes eu lia seus poemas com paixão e curiosidade. Meus anos de adolescência chegavam, e enquanto ela escrevia ainda mais seus poemas. E eu os amava ainda mais porque “o negro” não era somente um indivíduo em tanta dor e injustiça. O racismo era fortemente questionado, debatido. E ela nos contava uma bela história – a nossa história - vindo do seu peito do seu ser de mulher negra, filha dos povos de Benin como ela diz no poema da abertura do filme Ori. Minha mãe era uma mulher negra de força e grande sensibilidade. Então, no auge de minha paixão pela sua mente e ser, eu pedi que fizesse um livro com suas poesias, para que eu, sua filha, pudesse entender sua e nossa trajetória com arte, sentimento e *soul*.

Minha mãe me fez uma orgulhosa mulher Afro-Brasileira - Africana (meu pai é Africano de Cabo Verde). Ela nunca me deixou ter dúvida quanto à minha herança africana e à força que herdei dos meus ancestrais incluindo ela própria.

Quando ela morreu, a estrada foi extremamente difícil. Por muitos anos senti que perdi o chão que me dava o caminho dos meus pés dançantes. Mas foi quando conheci Alex Ratts e soube do livro Eu sou atlântica, e da sua procura por Beatriz, que eu senti um reencontro com a minha amada mãe. Uma amizade e irmandade (sister/brotherhood) nasceu entre nós.

Depois que ele publicou o livro, conversei com ele o quanto eu queria publicar, traduzir a poesia de minha mãe e tocar nos corações das pessoas como tantas vezes ela tocou o meu. Não é só porque Beatriz é a minha mãe . Eu acredito que o seu trabalho nos mostra parte de nossa história, do nosso caminho e exhibe a vida de uma mulher extraordinária.

Com a colaboração e publicação da coletânea dos poemas junto com Alex Ratts, eu reencontro minha mãe, eu me encontro, e também acredito que outros encontrarão algo ou simplesmente apreciarão a bela poesia que vem com a nossa história, *soul* e ativismo.

Poemas – Parte 1 – Próxima, primordial



Abertura I

[12.08.1988]

Quero.

Extraír qualquer síndrome

Qualquer aparência do que não sou

Qualquer vínculo com o passado odiado que restou

Quero.

Palma verde e nua

Herança que cultivei

Quero, resumir numa só

As fantasias com que sonhei...

Insegurança

[A Drummond, 23.01.1988]

Nasci segura em rede esticada
Em praia de claras águas
Em ventre bom e gostoso de poderosa mulher
No caminho topei com a primeira pedra
Grito de terror diante da luz
Senti-me insegura, primeira expressão de náusea
Nasci segura em mãos experientes
Entre sábias mulheres com muita atenção
Coisa viva, animada
No caminho topei com a segunda pedra
Grito de terror diante da treva
Senti-me insegura, o primeiro vômito
Nasci segura entre corações amorosos
Leite, doce, pão e mel em abundância
No caminho topei a terceira pedra
Grito de terror diante de ser
Senti-me insegura, a primeira insônia
Anúncio de ser mulher.

Prima filha

[07.05.1987]

Betha, alfa do meu existir
Matéria acumulada em meu útero
Que ainda agora se faz sentir
Em estado de doçura exalto
A beleza do teu amor
Que de mim mesma se originou
Retornando livre como condor
Única escrita de minha história
Que em matéria se realizou e realiza
Semelhante ao que foi e ainda é
O som que dele partiu
No grito traduzido: pariu
Ressonante em meu viver
Seja feliz como és
Como sempre vais merecer
Bordando sutis sapatilhas
Girando no espaço
Que Deus a ti dedicou

Oração I

[16.10.1986]

Deus a ti me dirijo	A derrocada da “ordem”
Como em infância	Por ti estabelecida
Por ti socorrido	Por teus permanentemente cultivada
Nas doces agruras	Muitas vezes sucumbida
Das fantasias	
	Premia o esforço de vida
A ti recorro em hora engana	De quem por si quer te achar
Como as são todas tuas	Nas redes do Universo
Que não apagues da memória	No equívoco que absorve o ar
As promessas que a mim farias	
Não a mim	
Que por tua mão fui	
Conduzido entre coqueiros	
Mas ao balido do cordeiro	
Que em lobo denuncia	

Paciência

[A meu pai, 16.10.1986]

Pensava em mim como
Um lamento
Ruminando todo o tormento
Que à vida foi atribuído

Pensava em mim
Como elemento
Exacerbado (por) rudimentos
De antiga matéria
Apodrecida

Pensava em mim
No firmamento
Em vaga estrela perplexo instrumento
Espelho vivo

Em mar sereno
Penso em mim
Todas (as) distâncias
Rude apelo, mera ânsia
De uma imortal promessa
Do fim, princípio do fim
Amor que guardo em mim
Em longa fila de espera

Regina [I]

[Para Regina Nascimento, 01.04.1988]

Sediciosa, torturante
Ceifas seivas abundantes
Envoltas em amor e cuidado
Criadas em conforto e carinho
Do ventre terno da minha mãe
De quem tiras o direito
De extrair sumo de tanto vigor?
Parte de tantas partes?
Amor do ventre do amor.
Quem és tu ave doída?
Corpo e carne destruída.
Para interromper o conjunto?
De sonhos harmoniosos,
Criados na alcova dos meus pais?
A quem foi chamada Rainha
Bela e sonora chamada,
A quem tu agora destróis...

Betha

Mulher é como ser
Vagarosa tartaruga
Que silenciosa desova
E povoa o mar
Que solitária retorna
A origem de seu destino
Nadando como peixe
Quando deveria estar
Voando como pássaro
Mulher é como ser
Estridente qual guitarra
Em delirante Rock
Ferina e incomodante
Sonora e mutante
Nas escalas do espaço exterior
Mulher é como ser
Você, inquieta e ansiosa
Receosa e corajosa
Construindo seu eu
Em rosadas sapatilhas
Nunca deixes de dançar...

Vertigem

O corpo não é uma máquina Veio a mim.
Disse assim a Bethânia. Modificando-me
Recorri à velha imagem Como pura substância ...
Em conversa de ambas Química onde vivo e me conforto,

Meu puro âmbar Ânsia do meu peito
Meu retorno Que ainda chama
Meu vaso sagrado o contato infantil
Meu espelho De sua boca.
Se os espectros calam Numa vertigem quase louca
Em meu socorro De minha verdadeira promessa...
A ti eu me dou
E recorro...

Corpo lindo em mente sadia,
Filha do meu útero,
Antigo verso,
Que em tempo recorde

Sonho

[A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres
e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha, 1989]

Seu nome era dor	E que se expõe dia-a-dia
Seu sorriso dilaceração	Quando deverias estar resguardada
Seus braços e pernas, asas	Seu <i>ritus</i> de alegria
Seu sexo seu escudo	Seus véus entrecruzados de velharias
Sua mente libertação	Da inóspita tradição irradias
Nada satisfaz seu impulso	Mulher!
De mergulhar em prazer	Há corte e cortes profundos
Contra todas as correntes	Em sua pele em seu pelo
Em uma só correnteza	Há sulcos em sua face
Quem faz rolar quem tu és?	Que são caminhos do mundo
Mulher!...	São mapas indecifráveis
Solitária e sólida	Em cartografia antiga
Envolvente e desafiante	Precisas de um pirata
Quem te impede de gritar	De boa pirataria
Do fundo de sua garganta	Que te arranques da selvageria
Único brado que alcança	E te coloque, mais uma vez,
Que te delimita	Diante do mundo
Mulher!	Mulher.
Marca de mito embotável	
Mistério que a tudo anuncia	

O inesperado aconteça (O Amor)

[Para Berto]

Lembrando Búzios	Provocou receios de não ser exato
Propiciando encontros	Pois foi nunca experimentado
Aquele que surgiu inesperado	Diamante bruto lapidado
Como cometa atômico	Em faces límpidas
Raio em explosão	
Luz que de longa distância	
Ilumina em extensa viagem	
E chega até o ponto descansada	
Serena, sem incomodar	
Na passagem...	

E assim... “apareça como a luz
Do sol batendo na porta do meu lar”...
Foi-se chegando, prometendo o
Desconhecido como se fosse o existido
Provocou dúvidas que encetavam
O prazer de explorar dia-a-dia
Instante a instante

Rocio

[05.1984, Petrópolis]

Feliz com a natureza
Feliz por esta oportunidade
De me sentir curada
Em todas as minhas forças
Sem neuroses
Sem medo
Sentindo os raios do sol
Em filtros cinzelados
Cinza-azul-esverdeado a mil metros de altitude
Percebendo meu corpo em ebulição
Minha mente em paz
Minha vida ressurgida
Com vontade de Betha
Com vontade de Berto
Com certeza deles e de mim
Com muito amor

Alegria de estar sentada na terra
Do alto deste monte
Espantando os insetos com cuidado
Com muito calor por dentro e por fora
Como há muito não acontecia,
Minha beleza original
Sem pressa de nada

Baby te amo

[1990]

Fico parada	Há sol, há luz, há mar
Mas não tento nada,	Há este eterno entregar
Nem suicídio	Do outro pra mim
	De mim para além...
E há cacos e cortes	Do outro lado da lógica.
Em vidro	Em tampo de plástico-fórmica
Como sangue novo	No transparente véu
Refletido na imagem	De nuvens serenas
Do rosto no espelho	Além do ar e do vento
Sem rugas nem marcas	Todo o nosso sentimento
Só aquelas dos vários mergulhos	A favor da vida
No desconhecido	Que cai em gotas de chuva
Conhecido do fundo de mim	Em fermento lacrimoso
Do interior da memória	
Dos nervos da vagina	Água – pura – de – cheiro / incolor
Do inferno eterno?	
Viver	

Um retrato

[1988]

Um retrato,

Um espelho.

Um rosto

Um outro rosto.

Quantas faces de si em si mesma?!

Poemas – Parte 2 – Mítica, histórica



Legbá

[1988]

Origem e retorno	Encontra-se sua antítese
Fulgurante arco	Destrua-a
De Olorum o poder	Não como ela foi
Fun-fun atuante	De morte estranha e doída
Homem, depois mulher	Velha e carcomida
Híbrido de arco-íris	Como animal bestial
Envolvente, cromático	Tempo, tempo, tempo
Símbolo de esperança	Não temo meu ideal
Movimento de beleza	Tudo em ti se transforma
Estático espectro	E mais em ti “sursum corda”
Solar	Nada me resta, ancestral
Grandeza maior	A não ser tua sinuosa dança
Faça o que dever ser feito	De cobra, serpente coral!
Por que quem o era	
Já se foi! “Arroboboi”!	

Inusitado

[A Oxumaré, 01.09.1987]

Antes tudo acontecesse como antes aconteceu
 Não vindo como algo novo
 Seduzindo o que não estava atento
Antes tudo acontecesse como o aviso do sinal
 Atenção! “Está prestes a se concretizar”
 E não como serpente silenciosa
 Em seu silvar
Antes tudo acontecesse quando te sentisses forte
 Capaz de reagir, que pudesses sangrar
Antes tudo acontecesse como se fosse o previsto
 Visto de trás ou de longe
 Antes que te atingisses de frente
Antes tudo acontecesse como acontecem as histórias
De encontros e rompimentos, num mergulho sem demora
 Antes tudo se passasse como passa o Arco-íris
Num momento luz, noutra bruma e crepúsculo

Ancestres

[03.1987]

Leguem-me um sorriso,
Um beijo, um abraço, o Amor
Não me venham com lembranças
De tristes dias contados
De escuras noites rasgadas
Em possessa solidão
Leguem-me um sorriso,
Um beijo, o abraço, o amor
Escondam de mim tuas faces
Em máscaras pétreas, sem caráter
Em muda comunicação
Não vivi teu tempo
Não sei se foi bom ou mau
Nem sei que destino me legaram
Tuas dúvidas, erros e penas
Libertem-me do teu “karma”
Pois, de outro tempo é o meu

Tempo de fiar lembranças
Que de mim vêm de infância
Da catarse de que sou só
Não das gamas da tua história
Das sombras onde moras
De teu profundo abissal
Leguem-me um sorriso
Um beijo, o abraço, o amor
Livre de todo arquétipo
De ânsias de solução
Daqui em diante eu tenho
O mundo pleno e reto
Passagem de rotas concretas
Arpejos em construção...

Urgência (Zumbi)

[À potência Z, 1984/1985]

Sendas abertas à força pesada
Movimento oscilante do conhecido em veias rasgadas
Irresoluto e precipitante
Como fundo falso.
No espelho véus justapostos
Ocultam o olhar como teias metálicas
Tornando o ser difuso.
Separando definitivamente o exterior do interior
Entrechocam-se e percutem fantasias antigas
Que não se miram como a um só pertencente.
E eis que surge na arena
Dançarino flamejante de intenções
Descabido como algo que desceu em terreno ocupado
Misterioso como dádiva encantada
De longínquas paragens
Propiciador que ignorava capítulos de sua doutrina
Arrebatado qual luz da primeira hora.

Entre trevas e lusco-fusco
Ninguém saberia dizer sua “Eternia”.
De que matéria se constituía
A que missão se destinava.
Nas cores que esbanjava
A perplexidade das combinações
Sufocava os gritos de dor
Inibia os brados de alegria.
Chamejando como picantes chicotes
A volúpia luminosa impedia os sons.
Quem era aquele viajante de tantos confins?
Confinado em seus próprios gases?

Urgência II (Quilombo dos Palmares)

[1985]

Arcos e seteiras	Faça-se o plano da reação
Manifesto de ruídos	Retinir sacrílego do metal
Profusos animais alados Segredos arcaicos	Informe ao amálgama terral
Irrompem em revoadas evocativas	Tão possível na sabedoria ancestral
Qual urgência de alianças	Irreconhecível no elo mortal
Perplexidade tombada	Correção imediata do equilíbrio
Semivivos rastreando a luz	Reinvenção do sonho pressentido
De corpos brilhantes e brilhantes...	Imune ao deus escondido:
Do reflexão de mourão	Mono-ara do sacrifício,
Saqueador navegante	Mono-theo do sentido, incumbido
“Razzias da Jaga-nação	Da missão encapuzada do prazer
Casa sagrada da propiciação	Negação do meu leito ao nascer
A tomada se faz na planície	Mono-sumo do líquido etílico
Não no líquido primordial	Faça-se tu em forma visível
Onde o plano original ?	Repara a trajetória do ato
A essência da força vital?”	Incompatível com a origem do fato
N’ tu sou, muntu o outro	De todos em um e em Si
Brilhante de asas arrebatadas	Lição que dos meus aprendi
Malungo todos untados	Verdade que cedo escolhi
Pela seiva da procriação	Da argila Afra nasci
	Quando eras fui eu quem o vi

Mediterrâneo deus monolítico	Árvore da genealogia
De ouro icônica soberba	Firme-se como caça
Alvar de encontro ao Breu	Atraindo caçador
Da sagrada Arca irrompeu	Espanta o hábito do terror
Para a Aliança planetária perdeu	Aqui fincar a lança
O dom de se tornar verdadeiro	Saga guerreira palmar
Sem crítica de répteis sofridos	O filho da terra rastrear
Famintos de riqueza e poder	Recorda epopeia Imbangala
Que afinal, por equívoco	De n'tus fálicos a castrar
Escravizou-me aqui	Libera setas, flamas
Com o aval de rotos contatos	Fogo, ferro, cana
Sem significado de tempo ou pátria	Corda, corrente, luar
Emerso do mistério do mar	Palha, folha, água
Absurdo verde ferino	No seio da Terra hibernar
De força a pulverizar	Recorda Simba migrante
Em reticente lassidão	M'pumbus sadios cantantes
Movido a culpa e perdão	Sortilégio-presença-de elefante
Do eito absolvido à minha mãe	Lago, gelo, brilhar
Insiste que ocorre laçar	Rememora rum amargante
De palmas e paz a harmonia	Recupera signo vibrante
Malungos, banzos contatados	Posiciona Terra no olhar...
Em verdade confirmadas à prova	
Do rico mel do imbondeiro	
Totem de primeiras certezas	

Mais uma vez saudade

[05.01.1988, Rio]

Dakar viva lembrança,
Cap Vert vertida esperança
Em tarde de Sol
Dimensão do Mundo!
Do Oriente para o Ocidente
O sentido das direções
 Da varanda defronte ao mar

Dakar negra cidade,
Sangras meu coração
Do sentido ao retorno
Sempre urgente, por ser urgente tornar.
Do Oriente para o Ocidente
E emoções calar...
 Do salão de jantar

Dakar espaço luminoso
De inquietações invisíveis
De turbilhão de silêncios, de calmas explosivas.
Marca meu coração
Do Ocidente para o Oriente

invertendo a direção
 Das águas do repuxo

Sonhe comigo o meu sonho
Transporte a um futuro qualquer
A saga que ocultaste
Em tuas ruas curvas
Em tua febre nua, como indiferente mulher!
Do Oriente para o Ocidente
 Ou em outra direção qualquer

Dakar vívida lembrança
Uma tarde, um homem
Quem sabe um antigo ascendente
Quem sabe um navegante recente
Nas ondas de minha emoção
Sangrando meu coração
 Estagnado no Ocidente

Fizeste meu coração navegar
Em ondas que o aprisionam
Sem fornecer leis que o possam libertar
Da perplexidade do amor
Dakar, apazigua minha alma
Com um jorro de areia quente
Tu, que como a História, iniciou-me
no Mundo novamente

Aeroporto

[23.01.1988, 01:00]

Ruído inaudível. Mil decibéis

Turbinas em voleios

Corpos eretos

Rostos ansiosos, faces sisudas...

Da espera...

Da chegada...

Do novo.

Do comum

Tarde no aeroporto.

Sons hipersônicos.

Podiam alienar,

Mas não afastam

A angústia interna

Da espera do que está

Do voo que se pretende

Para outro porto

Porque, planar é preciso

Viver não é.

Sinais, códigos, bandeiras

Controles e torres

Onde minha torre?

Para onde volto?

Qual o meu porto?

Te recordo grande Tejo

De Pessoa.

Te recordo grande Cuanza

De escravos.

Te recordo grande Tapajós

Jorro de separação amazônico

Te recordo tudo o rio que deságua

Simplesmente deságua

Corro minhas lágrimas

Como meu corpo nessa cama nua,

Com este calor de quarenta graus

Deságues minha vida Sem não-sei-a-quê direção
Como a percebi e a queria Aterrisse simplesmente
Como a prometi a mim Todo o ruído
Paralise todas as turbinas
Te recordo grande Atlântico Quebre minhas fronteiras
Que me beira Atreladas no inferior
Que me rejeita Sem refúgio orgânico
Esquecendo nossa aliança inicial: Como John in “just a jealous
De ti nasci Guy”, no cry...
A ti quero voltar Quebre-me as cadeias
Como peixe atento Deste imenso amor
Como tartaruga silente
Como baleia distraída

Aeroporto porto do ar
Aterrisse minha paz
Sem volteios circundantes
Sem choques no concreto

Ilha de Vera Cruz (Primeiro Nome)

[11.1986]

Eu acredito nele, pois de seu território eu faço parte
Eu tenho fé nele: porque nesta leitura só ele existe e é meu (país)
Eu tenho esperança nele porque conheço sua história,
que em meus anseios será eterna
País de macunaíma e caipora
País receptáculo do mito dos “setes pares”
Seja ou não seja de França

Amo-o por ser ele mesmo o muirakitã, símbolo
da origem da vida que da água transformou-se em terra
Amo-o por suas contribuições, torrão onde dorme
Um gigante, que pó si só determina a saga
de um povo anão, como o são todos os homens
“Por onde for quero ser seu par”
Quero-o livre e forte
De sul até o norte

Transgressão

(aula de micropolítica, Dona Martha)

[01.09.1987]

Houve uma guerra no Rio No quilombo onde já aconteceu
Pra quem não soube um delírio Em algum tempo da história
Produto de alucinação Que na memória feneceu
Houve uma ação contra o morro Jamais foi contado
Armada e genocida Pois lá era a mesma gente
Que regeu aquelas colinas
De sangue de baixo acima E o país urgentemente
Ação de “Código Penal” Apagou da mente
De impotência social A verdade que passou
De esbirros e malfeitores Mas não é passado é presente
Arrogante e prepotente Pra que repetição?
Que atirou toda a gente É necessário que abafes
Num terror irresponsável O ruído das sirenes
Houve gritos e choros Que perturbam o ambiente
Que a cidade surda Dividindo os homens
Rapidamente esqueceu Entre bons e maus
E foi no Corcovado Entre nós e eles
Entre vivos e mortos.

Os homens da minha rua

[19.05.1991]

Hoje encontrei-os ratos, Anjos
Suores em negação
O baleiro menino-homen
Meninos-homens em sobrevivência
Agressão submissão do nordestino do bar
O presente, presente-passado Gonzagueiro
Da revista, da almofada, o forró
Da cantoria nordestina
Da sabedoria vulgar
Popular, da loucura muito nossa
Das emoções, da viagem até a Baixada
Dos desejos explodidos
Sem lugar para deixar... em Copa
Somente seguir
Sem sentir o sucesso determinado
Isso pertence aos eleitos...
Dos deuses, do Universo.
Corpos rolando ao cosmo.
Na mais-que-perfeita brasilidade

Mídia [I]

[19.12.1983]

Anoitece ao silêncio falado	Ah! Esta saudade-presença
Da novela das oito	Ah! Este ferro no estômago
Comunicação de olhos e ouvidos	
De vontades anestesiadas	Ah! Este grito em implosão
De ações sonâmbulas	Ah! Este sexo saciado
E ainda não é madrugada!	Ah! Esta corpórea insatisfação
Prevejo outra noite de vigília	Meu lápis, meu papel
Que tarda ao compasso da	Falem mais alto que o rumor da TV
Angústia, da frustração	Imprimam o silêncio das nossas palavras
Da solidão sólida	
Sob os gritos esquizofrênicos	
Sob os vômitos e os beijos do vídeo	

“Ah! Cidade
Sinto calor, sinto frio
Nor-destino do Brasil
Vivo entre São Paulo e Rio
Porque não posso chorar”

Quero escrever um conto

[1984]

Quero escrever um conto. Pode ser um conto-de-fadas, um conto-do-vigário, um conto erótico.

Quero escrever um conto, um conto de amor e de vida.

Quero dizer de felicidades. Alguma coisa que seja ela mesma

Assim como um sentido em atuação: ouvidos, olhos e bocas

Quero escrever um conto de amor.

Um conto verdadeiro, com eletricidade de ser.

Quero um conto, um canto, um ponto na trajetória do devenir

Para um futuro mais belo.

Futuro que vislumbro na cor dourada do sol da janela dos Arquivos

Arquivo casa onde eu morei e que em mim mora.

Quero escrever um conto ao silêncio dos documentos.

Odisseia – Ano 2001

[Aos amigos que partem, 18.02.1991, Rio]

Desce a tarde como cortina,
 Numa bruma passageira
Numa viagem (passagem) rasteira
 Rumo ao desconhecido.

 E foi-se mais uma ave
Como as de Noé, no Dilúvio
E não voltam trazendo augúrio
 De algo novo lá-de-fora.

É a mesma “Crisis”: Econômica,
 Petrolífera, e salarial, e,
Social e racial-individual,
 E... Mundial,

 Esta mesma salada abjeta
De dogmas sobre a Miséria
 A essência da Ruína
O que pode haver de mais ruim e ruminante?

...E de-novo surgirá o Sol
Nesses Trópicos-hemisféricos
Nessas vidas dirigidas
A um mundo desnecessário

De conferência de Paz
De Inimizades de guerras
De que, eu não sei para o Que?

As acontecências

As acontecências

Nem sempre acontecem

Acontecem como aconteciam

Em meandros da vida

As acontecências

Nem sempre acontecem

Na gente

Marcas

[A Lilian Menezes e Isolda, 1986]

Vinte anos... ditadura

Vinte de tortura

Vinte de agressão

Vinte portas se fecharam

Vinte outras se lacraram

No reino da perversão

Quantas “forças sociais”

Quantas forças mais e mais

‘Inda podem (os) reverter?

Em bens, em bombas, em balas

Em falas, ânsias, em “calas”,

Orgias da frustração

Mas quantas feridas deixaram

Em frinchas de moça e menina

Histórias individuais que esquelidas

Sem cheiro

Mediocridade

[10.09.1987]

Falam homens vazios de vozes objetivas

Sem rimas, sem descompassos

Falas soltas ao acaso

Dizem de si super-homens que tudo sabem e mandam

Que tudo podem e tudo controlam

Que a todos dirigem e a todos controlam

Rumos, rumos desconexos

Palavras que se entrechocam sem o sentido do dizer

A verdade do que opinam, quanto mais o de fazer

De si próprios opiniões.

Antirracismo

[06.02.1990]

Ninguém fará eu perder a ternura
Como se os quatro besouros
Geração da geração
Gestação da liberdade
Voo de garça, seguro

Ninguém fará eu perder a doçura
Seiva de palma, plasma de coco
Pêndulo em extensão
Em extensivo mar – aberto
Cavala escamada em leito de areia

Ninguém me fará racista
Haste seca putrificada
Sem veias, sem sangue quente
Sem ritmo, de corpo, dura?
Jamais fará que em mim exista
Câncer tão dilacerado

Absurdo

[01.09.1987]

De longe de muito longe ouço um toque de jazz
De longe de muito longe ouço um acordo de paz
De jazz se é coerente
De paz se é concernente
De longe muito longe ouço notícia de ontem
No mundo o que aconteceu?
Nasceu um ser humano, enquanto outro morreu.
De longe de muito longe ouço um pedido de trégua
Mas por aqui só há guerra
O que foi mesmo que ouvi?
De longe muito longe ouço ruído de risos
Mas por aqui, só gemidos
Me indicam o que há de concreto
O jazz continua pelo espaço
Em sons de cordas em acordes
Os acordos não concluíram, estancaram
Que entre risos e gemidos permaneça o
Som vigoroso do jazz
Em intervalos de paz

Sol e Blue

[17.02.1990]

Terra azul

Céu escuro

Fantasmas passam nas ruas

Como eu fantasma nua

A caminhar

A quem procuro?

Em que corpo quero estar

Em que cama repousa espírito tão inquieto?

Nas notas de sol em ritmo-Blues

Em remansos passados

Em fechados futuros

Em furioso silêncio

Poemas – Parte 3 – Existencial, cósmica



I (Fazem-me lembrar relíquias)

[24.11.1986]

Fazem-me lembrar relíquias
De um aparente pesadelo
Não como coisa ruim
Mas como cargas pesadas
Minha mente atrai todas as insônias...
Que se permitem adentrar
Meu frágil Ego
Mas trazendo numa mão uma palma
E na outra o regozijo de Eros
Findo dia, finda noite
Meu corpo sonado pede
Por descanso
Para que sonhem todos os pesadelos
E fique o resíduo de paz
De um sonho maravilhoso
De um sonho sereno
De um amanhecer sem resquício

Vésperas II

[10.08.1987]

Hoje me sinto calma
Na manhã que se anuncia
Como alga marinha navegando
em seu próprio líquido
Hoje sinto-me curada
De longa noite de vigília
Com os olhos secos das lágrimas
Da perda
Sangram-me por dentro vísceras
E órgãos num complexo de receios
Quem atirou a lança que feriu os meus sentidos?
Como extraí-la sem deixar
marcas externas?
Olho-me no espelho e procuro aquela face
de menina perplexa no mundo.
Vejo um caleidoscópio.
Quem corrigirá pedaço por pedaço

O olhar confiante
O porte ereto e vigoroso
O sorriso ardente e viçoso?
Pois hoje possuo marcas
da meia-idade atormentada
Da rejeição acumulada
Da memória do ocorrido
Lancem-me uma rede em meio a tubarões.

Se fosse real em minha mente

Se fosse real em minha mente

O surto não aconteceria

Mas não é real, desculpe-me

É uma fantasia de morte

Fantasia em improviso

Como em Chopin

Fantasia de onipotência

Quero chorar porque eu deveria estar...

feliz por ser Beatriz

Água buscando margem

Continente procurando fronteiras

Fogo no cérebro e na alma

Eu deveria estar falando dos carpinteiros

Dos construtores, dos criadores

Do mundo

Limitar o superego

Fortalecer o ego

Amar e fazer-me amada

Irromper como onda marinha

Ou como fagulha solar

... E eu deveria estar falando dos carpinteiros

Dos quilombos e dos objetos

Objetos e coisas, submissa ao real

Controlada no imaginário

Surto final (Estação terminal)

[1987]

Meu médico não está!
Como esta noite irei sonhar
Com flores e coisas lindas
Comigo como menina
Certa vez eu fiz criar

Choro a zanga de menina
Que com fantasias fazia
A coisa acontecer
Num divagar fascinante
De rotas, sonhos e falas
Que comigo se fez crescer

Cura

[07.09.87]

Quem diz que se recupera tecido todo desfeito
Em tramas que, já sem jeito, afirma ser aqui o lugar?
Será preciso cerzideira, sábia e bordadeira
Difícil de encontrar o ponto final da teia
A trajetória ao contrário do que foi despedaçado
Em horas de des-espero
Horas em que desespero de sorte afinal, tão comum
Não aconteceu o novo, na verdade, nada de novo
Não foi o por mim querido
Triste mulher mortal, que a tudo acha fatal
Até um fio de esperança antes do juízo final.

Secreto

Ora direis ouvir o amor
Como se ele é silencioso?
Sem alardes, sem retumbâncias
Direis ouvir signos, sim
De muitos significados,
Às vezes dizendo o sim pelo não
Ora direis ouvir o que quero ouvir
Os signos são incompletos
E se entrechocam no turbilhão de desejos
Dirão hoje é assim, ontem de outra forma
O que será amanhã?
O segredo do silencio
Da liquefação dos significados, enfim o não ser
Em meio a tanta esperança
Numa manhã de muito sol
Escancaradamente quente
Como se o astro não fizesse caso do que queres ouvir
E sim de manter sua rotina, sem explicar o porquê.

Rotas

[12.08.1987]

Quantos caminhos percorro
A quantos choros recorro
Ao fim de cada cansaço
O que é aquela cama
Que daqui observo?
Vazia e desfeita
Como o acontecido?
Quantas perguntas me faço
Se certo ou errado, ou pura desatenção?
Se procedente ou contrário

Sem chegar à decisão
De abandonar de uma vez
Sonho há muito acumulado

O que é aquela cama no escuro?
Manchada de tantas culpas
Que caminham como víboras
E sugam aos poucos meu corpo?
Quem saltará sobre ela
Para vir em meu socorro?
Quantos caminhos vivi
Em quantas veredas sofri
A ânsia de ser feliz?
Como me encontro agora
Errantes como sempre foram
As sendas que escolhi

Resgate

Luz que se apaga a um toque de recolher
 Como vagalume ao alvorecer
Luz que se apaga buscando esperança
 Seu silêncio me assusta
 Me coloca em prontidão
Nunca saberei sua forma
Não acalentei seu vislumbre
 Não permiti o seu grito
 Ora, não me culpe
 Por não ter feito
Escancarar seu sorriso
 Como dádiva nova
 Que a si propicia
 O viver sob o mundo
Estreante vaga-mundo
 Réstia de gratidão
Do amor infinito que acoberta
 Como pálio estendido
 Destra do perdão
 Recuperarei sua face
No reflexo do que é a minha
 Como o bálsamo untado
 A pele que a ti doe

Quem dirá que foi um sonho
Produto da fantasia?
Se te fiz imergir
No meu solitário seio?
Se engoli seu propósito
Como lua clara e muda
Que recua as marés.
Qual onda vaga e nua,
Procura a terra para embates,
Em resfolegar incessante
Assim tu o és em mim
Excelente criatura
Tesouro que o ar encerra
Em sopro que anuncia
O fim da primeira dor
Que a outras dores recorre
Num esforço de recuperação
Ligue-se a mim no espaço
Da aridez exterior
Como leite coagulado
Flutue em seu próprio líquido
Estacione no tempo
Imune a tudo o que for!

Câncer

[A Rosa e Regina, 10.09.1987]

Mereces uma poesia vinda de minhas entranhas?
Sangue, lama, poeira de cósmica aflição,
Em que signo te concretizas?
Ou és de origem animal radioativa
Anúncio do que é mortal?
Dúvida, angústia e medo?
Para mim tu és poeira
Em constelação estelar
Da antiga galáxia lunar há anos luzes de distância
Que espera com paciência o ciclo completo da existência
Para de mim as levar

Luci

[20.09.1985]

Queria que a palavra fosse o alimento
Um de tantos que aprendi
Um dos tantos que me alimentou quatro décadas
Um entre tantos que comi e me nutriu:
A lição dos Dez que aos oito aprendi
Dos quatro que vivi

Eu queria que o verbo fosse certeza
Que não tivesse que cantar a mim mesma
Mas ao mundo exterior
Como se fosse de mim verdade absoluta
Sumo Supremo de todas as averiguações
Averiguar, fosse o que fosse
Como e quando, aqui e lá
Como agora, onde tudo fosse azul
Na constelação primordial
De Câncer, Peixes
Mar de todas as alegrias e ritmos
Mãe de todos os caminhos que segui
Veredas incontestáveis, não altercáveis
Certezas de princípio e de fim
Lá na estrela ancestral

Origem de todo real
Luz de onde que Eu sou
Eu sou, e sou, sou.

Absoluta certeza do fim
Verdade etérea
De mim, própria *élite*
Da veracidade inicial
Em combate com o universal
Em torneios de bem ou de mal

Curada de todas as feridas
Vertiginosa como Lua nova
Como vertido leite
É... ter de Câncer no fogo em Escópio
Poeira de cor e de estrelas
Pior que todas as maravilhas

Marúcia

[16.10.1986, Rio das Ostras]

Vênus finita
Companhia de um ciclo
Lunar, enfática,
Estrela – Guia;
De um Universo
Polar.
Terra, firmamento,
Areia e mar
Êxtase e agonia,
Aconchego solar
Dia-estrela brilha.
Sem nunca mais
Retornar quem do
Princípio não for,
Dores apaziguar.

Astro-mãe que a si postula
A dança preciosa da bruma
As cruas ânsias do mar

Reponha em tua órbita
(a) Filha-irmã quase morta
Da natureza sadia

Que mirem a ti todo dia
Consolem teu útero dia-a-dia
Venerem tua alegria
Figuras plasmas doentias,
Células mortas e frias,
Que nos viemos tornar...

Não por nós escolhidos
Mas prisioneiros de um des-
tino
Que mão maior determina
Com a ânsia de perfeição
No estertor da sabedoria.
Solitário Criador
Sopro que deu-nos Vida
No limiar do perdão

Determines tua própria A rejeitada atômica Terra
Verdade Pantera que se aproxima
Se és estrela termina Na noite de teu ovular
A própria origem, a sina Enamorada da Lua
Orgásmica de aleitar Que a ela se irmana
Eterno sonhos, manias, E atua, como farol anular
segredos, falas vazias... Integrando a rocha dura
que é preciso internar. À poeira que flutua (e)
Entre a trajetória da lua, Que carece adular...
E aquela que é a sua
Quem delimita o lugar?
Quem de alturas espia
O abismo dos teus mistérios
Do teu planar deletério
No teu “Vesúvio” espriar?
Em areias que alucinam
Envolta em caloria divina
Anuncias lá de cima

Luna

[16.10.1986]

Prenhe de luz

Plenilúnio

Alta força benfazeja

Um certo retornar

Ambiciosa e divina

Maliciosa (e) impulsiva

Incandescente (e) intempestiva

Serenidade anuncia

A quem te dirige o olhar

Querer bem

[03.01.1987]

Estela tu és estrela
Que com as outras caminhas
Em busca de um riso solto
De um se fechar quase roto
De prenúncios de luz

Estela tu tens estrelas
Que viajam por um passo-rito
De dores quase mitos
Se constroem em teu silêncio

Em ofuscante *neon*
Regozijam teu futuro
Rememoram teu passado
Repercutem em teu presente

Em torno de ti
Duas luas
Transitam em quase dunas
Esperando ver-te brilhar

Máscara

[A C. Lispector, 10.09.1987]

Ego, centro de um universo

Controlado, reprimido

Ego quem te inventou também foi um eu sozinho

Forte com a si queria, fraco como o que pretendia

Enquanto foste duro, mas que fazer do dia-a-dia

Entre a dança do inconsciente e o rigor do superego

Ego, corda sensível

Esticada entre sofismas de uma “verdade inventada”

Prazer, prazer, prazer

Em dores estagnadas

Tem uma história

[03/1983]

Hoje eu estou livre como se tivesse ar nas veias
Hoje eu estou em prontidão como se tivesse exorcizado
todos os meus fantasmas e à espera de outros muito maiores
Hoje eu não amo a ninguém na espera de que aconteça o amor
Hoje viro-me para todos os lados e a paisagem é a mesma
Sem paixão
Hoje eu não estou triste porque já chorei todas as minhas
vísceras e elas estão recompostas
Hoje eu espero a seta que primeiro me atingirá: amor ou ódio
Hoje eu não estou alegre porque nada foi anunciado
Hoje eu estou atenta enquanto me restar um sonho
Hoje eu estou breve como um terrível pesadelo

Sim, sinto culpa
Em forma de ressentimento
O que pode ter de mal num beijo?
No contato de corpos, o que pode haver de bom?
Deixe estar onde ficou.
De minha parte, foi um ato mágico
Que não mudou a essência de nada
Que não tirou Vênus de sua órbita

Que não modificou sua trajetória
Desta dor íntima que não extraio
Sim, sinto culpa
Num território pântano do consciente
Porque um beijo poderia modificar o
Universo
E fazer Vênus mais amiga da Terra
Fazer a Via Láctea mais visível
E me transportar àquela original
Sonho irrealizável, orgasmo intransponível

Ah, quem me fará Beatriz
Feliz por ser Beatriz
Sem arestas, sem marcas pantanosas
Somente um som com a musicalidade substantiva
Ritmo de vias galácticas
Com tempestades tormentosas
Alfa e Omega e eu Betha

Nem princípio nem fim
Na fímbria do acontecer
Oculta entre tudo
Onde nada está escondido.
Surgindo como um instantâneo
Que pode virar negativo
Pois foi positivo no estar.
Instante do ato sempre belo
Pois feito em reação ao ato próximo
Intercurso sem êxtase
Estático no próprio existir
Impróprio em meio ao Universo

Instante de morte...
Porque Vênus não modificou sua
órbita
Ninguém deu atenção se ela deu
amor à Terra
E ela não fez nenhum movimento
convulso
Só eu estava plena de luz
Mirando em sua intensidade
abstrata do mundo.

Como se pudesse ser Beatriz...
Pura substância em chama!

Não, não sinto mais culpa
Já não guardo mais lembranças
Só a absorção do acontecido
Amalgamado no corpo e na mente.
Sensação inconsciente de ter passado e
Deixado uma réstia cadente,
Como estrela despencada,
Como balão de gás...
Invisível frente à total visibilidade
Negror pontilhado e imóvel
Grito sem modulação.
Olhar assustado de Vênus
Diante da Terra em movimento
No azul primordial
De onde fecunda o Amor

Eletric Lady Land

[A J. Marshall]

Ontem ouvi tua voz no arquivo da TV
E foi como se o tempo não tivesse passado
Como se não tivesse viajado para mundo bem distante
Sinto-te na parede da sala, compondo meu ambiente
Resgatando meu interior num voo para outro espaço
E me serenas o presente nas cores do teu instrumento
Me faz esperar o futuro no vibrar das tuas dissonâncias

Femme Erecta

[10.02.1990]

Há quanto ao tempo pertença?

Só esses anos? Impossível

Quantas cronologias marcam meu corpo.

Infinitas...

Senão porque tanta expressão

Sensação imprevisível. Átomos em explosão

Decerto não saberia, como sei identificar

Foram precisos muito sentir

Armas a adquirir, para por-se de pé.



Argonauta

[1985]

Do ponto de luz onde se origina o universo, eu sou átomo integrante

Do ponto de luz onde se origina todas as coisas, eu sou um objeto

Do ponto de luz onde se origina o amor, eu sou querida

Do ponto de luz onde se origina a harmonia, eu sou o equilíbrio

Do ponto de luz onde se origina o som, eu sou a música

Do ponto de luz onde se origina o calor, eu sou vida

Aforismos



Várzea das Flores

[13.06.1983]

Minha flor ficou viva uma semana. Quanta vida ela me deu! Cada vez que a olhava sentia que eu conseguira ultrapassar mais um instante. Lembrava-me da poesia daquela noite. Do bem-estar que aquelas pessoas transmitiram. E quase acreditei que o espírito estava presente.

Quanto trabalho eu dou à luz.

Várzea das Flores era o nome da casa de vovô. Casa que eu não conheci, por isso mesmo eternamente presente na minha memória.

Mas se eu a visse seria como vi Angola. Onde enlouqueci para poder viver aquele instante só para mim.

Porque eu não tenho fé. Porque eu não acredito? Será que é porque eu não vejo? Deus dá-me o dom de ver

Anos 60

[1987]

Se queres embarcar nesta viagem ponha no aparelho um disco de Bob Dylan

Vontade de ser e caminhar para trás...

Se queres embarcar nesta viagem não use a palavra sonho no lugar de uma história

Pois gasta, é um lema que induz à vergonha, ao equívoco

Se queres embarcar nesta viagem se embale ao som de Bob Dylan quinze anos depois.

E reflita se não valeu a pena gozar o mundo ideal que existiu somente uma vez

Em que viveste como animal voraz, em transe instintual

Se queres embarcar nesta viagem transite ao estado inercial de sua galáxia interior

Se queres embarcar nesta viagem não esqueça o fardo que gerações te legaram, passaporte de alegria e dores, sem flash e sem rosto

Se queres embarcar nesta viagem deixe rolares as pedras inofensivas no tempo,
marcas do teu existir.

Como começou

[Para Eduardo Oliveira e Oliveira]

Tudo começou com Eduardo. É preciso saber de onde se vem, para saber aonde se vai.

E eu já estava. Já não ía, nem vinha.

Quando te disseram...

Quando te disseram: façamos um tabernáculo para ti e para nós. Ou quando te ofereceram as cidades na solidão do deserto, Tu negaste.

Esta é a minha lição, embora não queira chegar à cruz, pois este poder só foi possível para ti porque além de homem Tu eras Deus.

Minha negação é o sofrimento e a desilusão dos que eu amo. Mas minha dimensão egoísta é de que... eu sobrevivo na dor, eu existo no não.

É difícil ter consciência de que és privilegiado. Os demais são os outros.

Isso dá trabalho e eu sou preguiçosa. Será que é isso?

Uma pena e um papel — meu drama — apaixono-me por esses dois instrumentos e me calo.

O meu grito tem a intensidade de um “jazz”. Mas meu povo não cantou “spirituals”. Por isso não me bastam papel e pena. É crescente. À terra é dada mais um ciclo. Não é chegada a hora...

Terra-mãe-atômica!

(Até ontem e amanhã)

[15/02/1990, 03:43]

Nunca serei mulher, eu mesma, nunca serei pessoa,
senão minha própria pessoa.

Ninguém me igualará a nada, nenhum ser vivo parece comigo mesma.

Sou e sou, e assim sou, eu menina mulher, eu fruta-flor, eu sêmen e realização,
eu retumbante paixão, eu nesta hora de mim.

Quem me comparará a quê?

Quem me substituirá em quê?

Tola pretensão! Nem eu em mim, nem eu em mim mesma.

E se não houvesse poetas e místicos, o que seriam de nós e da
Natureza?

Nascimento

[17.02.1990]

Há prisão na Liberdade. Chama-se solidão que os demais nos criam. O corpo sólido no espaço, quente ou frio ao redor. Sou o meu próprio nó...!

De todos os amores...

[1990]

De todos os amores de minha vida, de todos os muitos amores que me fizeram a vida;
está minha terra, o lugar, os lugares do meu país. De todos esses amores, às vezes dores,
elas marcando meu corpo ceivando-o e cevando-o em sangue e carne vigorosos.

Se eu pudesse encontrar o fio...

[29.08.1987]

Se eu pudesse encontrar o fio onde tudo se confundiu. Se me senti enganada e dei chances de afirmarem o desencanto de não ter ainda forças de braços, num rijo e apertado abraço desligado de mim. Me sentiria com sono, sem este estado de vigília, que dura por tanto tempo e leva-me à exaustão.

Se meu cérebro descansasse de recordações perversas, de dilaceradas lembranças! Se eu pudesse escrever não tormento, mas alegria, não ressentimento, mas afirmação. Ah! Se pudesse descrever objetivas razões e não meu próprio subjetivo alçando-me a essas horas intactas.

Se meu cérebro repousasse não à custa dessas drogas psicopatas, mas num descansar legítimo, quando embalada em letal delícia meus sonhos sejam produzidos. Nunca o estado de impotência.





Meu negro interno

[11.1974. Publicado no jornal Village Voice de New York, em março de 1981 com o título The “Negro” Inside.]

SEGUNDO a interpretação mitológica da origem do homem, ele conseguiu a sabedoria a partir de um crime, o de subtraí-la aos deuses. Em princípio o conhecimento é verdade a todo animal, é o tesouro secreto dos seres onipotentes. Somente um animal, teve a pretensão maior justamente de negar essa sua condição, e o faz através do conhecimento de si próprio.

Essa faculdade de conhecer, que lhe fora vedada em algum tempo remoto, e que ele usurpou — e hoje em dia de maneira indecente —, segundo ainda aquelas fontes, trará de encontro ao animal presunçoso e enlouquecido, o sofrimento e a procura milenar da felicidade perdida. Pena imposta pelos deuses...

Profundamente consciente e conciliada com o aspecto trágico da vida humana aceito sem maiores cuidados em toda e qualquer explicação onde a origem do conhecimento esteja relacionada à perda da felicidade e ao pacto que o homem estabeleceu com o sofrimento. De todo o conhecimento que o homem busca, o autoconhecimento me parece aquele que justifica o que diz a nossa tradição. Tem-se que expiar tal crime. Isso me diz muito respeito, na medida em que me aprofundo nas origens das relações inter-raciais no Brasil, e nas implicações dessas na psique do homem negro

Tomando inescrupulosamente como cobaia eu mesma, isto é, partindo da minha experiência, e da dos negros mais ligados a mim — minha família, amigos, companheiros de ônibus, nas ruas, nos estabelecimentos — tento chegar, o mais de como subjetivamente reagimos diante de uma realidade tão opressora; de como resolvemos as questões que nos fustigam, hoje, nossas mentes, ontem nossos corpos. Quando pretendo explicar o que se produziu em quatro séculos de repressão, de ausência de ser, vejo somente uma imensa amnésia coletiva que nos faz sofrer brutalmente. Esta amnésia coletiva

começou a surgir a partir de um porão de um navio negreiro qualquer, e ao nível social, sabemos ou intuímos o que ela produziu. Mas, e interiormente? Como, por exemplo, ela se apresenta em nível individual numa cidade como o Rio de Janeiro, onde a desagregação secular, junta-se àquela provocada pelo fenômeno urbano na grande cidade?

Uma das formas pela qual a amnésia se apresenta traduz-se num certo comportamento dócil (dizem que o negro no Brasil ficou entre quilombola e os que se revoltaram pela tomada de poder — logo sobrou um tipo dócil... falácias!), um comportamento afável, alegre, aparentemente despreocupado. Uma outra forma é caracterizada por um sofrimento visível, através de atitudes hostis, francamente antissociais, entretanto vulnerável a qualquer expressão afetiva vinda do exterior. Outra ainda, aparenta um certo despojamento, que ultimamente as pessoas querem rotular como sendo uma liberdade inata que possuímos, e com isto tentam estabelecer as linhas mestre do que dizem ser a “a cultura do negro”, ou seja, estabelecem um “behaviorismo” simplista e “folclórico”, pois na realidade esses tipos de comportamento têm por trás um inconsciente esmagado pelo sofrimento ancestral e atual: A memória do negreiro, a solidão antiga, a ausência de identidade. Ah!... e tem a minha amnésia. Ela é a reunião de todas essas acima com mais uma: mergulhar na busca da explicação, do temível conhecimento do negro brasileiro.

Para alguém que faça parte de outro grupo racial, isto poderia ser uma tarefa pesada, mas não vital. Para um negro, ela é vital e aterradora. É como se de repente você estivesse nos anos 1600, cortando cana num canavial, os pés presos a correntes, à noite fosse arrancado do batuque e levado para ser açoitado, enquanto seus companheiros batiam mais alto os atabaques, com se chorando com você e por você. Depois, sob o efeito da amnésia, dividir com o senhor o amor de si mesmo. Acredito que cada vez que se fazia amor com um senhor, parte do amor ia morrendo, ou se cristalizado em alguma parte do corpo dóido, ao lado das outras partes traumatizadas pelo facão, a corrente, o chicote. Ficava ali esquecida... Está aqui esquecida... E quando revolvo o

nosso passado, todas essas dores são acordadas a irrompem vertiginosas, sem me dar tréguas. Não querem mais ser esquecidas. Quer me mostrar porque o negro brasileiro permanece como se tivesse recentemente saído do negreiro, perdido de si mesmo, das suas coisas, dos seus, como ausências contundentes na sociedade “racialmente democrática”.

Nessa sociedade acontecem muitos fatos assim, por exemplo: eu me encontro num mercado e ao lado uma mulher branca, jovem como eu. O vendedor entregou a mercadoria à moça, dando-lhe o troco agradecendo e ao mesmo tempo com mesura. Volta-se para mim, repete o mesmo ritual, mas ao final declara: – “Maria, não esqueça a nota (fiscal) para não ter problemas com a patroa”. A nota ficou em sua mão, tranquei-me o resto do dia em casa. Por quê?

Em inícios de abril deste ano procurei um psicanalista (àqueles leitores que por acaso acharem que eu deveria procurar um pai-de-santo, recomendo-lhes que leiam os dois artigos que publiquei na Revista Vozes, janeiro/fevereiro de 1974, e setembro do mesmo ano; ou então reflitam sobre sua vontade de ver, como pessoas, participando ao seu lado na sociedade). Procurei esse analista por ser um amigo e lhe expus todos os problemas que sentia em função da discriminação racial. Discutindo os aspectos psíquicos do preconceito no indivíduo discriminado, em mim particularmente. A certa altura meu amigo fez uma interpretação que achei interessante, e que passei a refletir profundamente, como um achado.

Pergunto-me até que ponto o “negro” a que me referia não era mais discriminado por eu mesma; se ele não era maior dentro de mim. Se a criatura rejeitada, agredida, infeliz, não estava sofrendo tudo isso de mim. Em suas palavras – “até que ponto não havia internalizado a discriminação da qual me queixava”? Ressalte-se que ele não negava a discriminação vinda de fora, da sociedade, não atenuava o que eu sofria vindo dos brancos. “Mas — argumentava ele —, eu não estaria também agredindo muito, justamente o “negro dentro de mim?”.

Anuí. Era possível. Tinha-lhe dito antes, que me encontrava confusa, pois em dado momento muitas coisas em mim estavam misturadas, me encontrava com dificuldade de continuar o trabalho sobre o negro, o qual me propusera fazer. Tinha-o feito analisar justamente, um artigo em que eu assumia diante de um branco, que como ele preconceituoso em relação ao negro, o negro só tinha uma saída, medíocre, mas honestas, ser complexado. Era possível que o analista estivesse com razão, estava em mim resolver os problemas levantados.

Despedimo-nos. Saí do consultório refletindo no “negro” dentro de mim, refletia nos seus conflitos com a moça “pequeno-burguesa”, ex-operária, hoje professora secundária, casada e separada de um arquiteto negro e mãe de uma criança negra. Essa mulher, por vários motivos não se encontrava ajustada a tudo isso, a essa ascensão social e cultural; percebera que um dos motivos, o maior talvez, fosse o ter reconhecido que a maioria dos negros no Brasil, continuam passando as mesmas vicissitudes impostas pela pobreza, pelo obscurantismo, confinado socialmente. Percebia também que dentro de si, apesar de toda aparente felicidade que todas aquelas aquisições pareciam trazer-lhe, sofria exatamente igual, a qualquer negro das classes mais baixas.

Ora, se o sofrimento que vinha tendo ultimamente, provocado pela discriminação, que agora me parecia muito maior do que antes, era uma questão relacionada à minha fantasia interna, a uma agressão a mim mesma, como diria o psiquiatra. Eu mesma resolveria. Faria análise.

Caminhava pensando: eu devo estar vendo ainda fantasmas de infância. Afinal, os “teóricos” de todas as coisas, os conhecedores do oprimido, os que têm a solução para o problema social nos livros, nos bancos escolares, nas mesas de bar, dizem que não há uma questão racial. Há uma questão sócioeconômica no Brasil.

Nessas alturas caminhava pelas ruas de Copacabana e começava a abrir um pouco de minha boa-vontade e concordar com eles. Ao meu redor, babás, porteiros, serviços domésticos, carre-

gadores de caminhão, homens em um carro de coleta de lixo, engraxates, pivetes, bailam na faina do grande bairro. Que espetáculo! Todos eles eram negros (ou quase todos), felizes, pois mesmo trabalhando o negro parece dançar, lépido, sorridente, principalmente aquela babá ali, de uniforme branco, com um menino quase da cor do seu uniforme – mãe preta em versão 1974. Caminhava e pensava: somos realmente um povo alegre, talvez o único alegre em todo o mundo, a única raça que dá alegria, amor, música, poesia, paz espiritual... a troco de nada, ou do sorriso no rosto, ou daquele uniforme branco...

... é, o problema é mesmo de natureza sócioeconômica, o preconceito racial é uma das questões vinculadas à origem de classe. Dissolvidas as classes (não sei quando, nem como) tudo estará resolvido. Se aquela babá que passou agora por mim com um menino branco, tem algum conflito devido à sua condição, deve ser porque o “negro interno” dela é muito maior do que o de fora. Ela é quem se faz sofrer, porque um dia ela deixará de ser babá. Com o desenvolvimento do país, o maior acesso aos bens, o preconceito será diluído, ou então quando vier a revolução social. Para não esquecer nenhum detalhe pregado pelos “teóricos”. O sofrimento do negro independe da raça, ele sofre a mesma discriminação do branco pobre. O negro é depreciado porque na sua maioria possui um baixo poder aquisitivo. O racismo acabará, basta que o negro se alfabetize, cada vez mais ascenda de classe, case-se inter-racialmente, etc.

A noite de Copacabana caminhava em sentido contrário a mim, havia uma agitação típica e ao mesmo tempo abrangedora, proximidade de gente. Nada me parecia hostil. Andava no meu elemento. Pensava com certa paz, no que me dissera meu amigo especialista em psiquês. Brillhante os analistas! Ele tinha toda razão quanto ao meu “negro interno”. Afinal, eu fora educada, ascendi de classe não para ser negra, mas para me “igualar ao branco”, não para ser gente, mas para o “branco me aceitar”, “para poder entrar nos lugares que negro não entra (embora não seja proibido)”, para

ser um “exemplar” que daria a medida certa da harmonia das raças no Brasil. Um “exemplar”. Fui formada pelo consenso social, nos bancos escolares para demonstrar que apesar de tudo, venci na vida “mostrando superioridade”. Jogando o meu negro fora. Que mais queria eu? Principalmente depois da explicação dos “teóricos brancos do poder negro no Brasil”; depois que a “cultura do negro” é a ultima badalação. Ser negro “culturalmente” é status para alguns brancos que eu conheço.

Existia realmente um “negro dentro de mim” maior, estupendamente maior que o de fora, mas ele permanecia negando o “direito” de ingressar na “democracia racial brasileira”. Por que ele não me deixava aceitar essa facilidade que agora me ofereciam, não deixava que eu agradecesse os sorrisos de boa-vontade, as caras de espanto que as pessoas a todo momento demonstram, confraternizando-se com meu “esforço”. Porque ele exigia que eu o exibisse ferido, açoitado, roto, tonto de banzo, febril, indomado, me puxando para longe de volta no tempo da história, no solo de um continente que não é mais meu. Este era o negro ao qual meu amigo se referia, dizendo-me: “cabe a você resolver tudo isso. Não será que você o faz maior do que as outras pessoas?”

Me sentia na rua um pouco eufórica por poder pensar calmamente no “meu negro”, amá-lo, exibi-lo aos transeuntes, sem medo. Fora de mim existia um negro maltratado, que passa fome, que vive nas piores condições de sobrevivência. A mulher negra está sozinha, prostituindo-se, serviçal doméstica ainda nos moldes coloniais. Mas eles são os outros! Os brancos pobres também estão na mesma situação e não conheço nenhum branco de classe média que vá ao analista por que os outros vivem na miséria. Caraminholas da minha cabeça essa de existir preconceito racial.

Exibi “meu negro” alguns quarteirões abaixo do consultório médico, passei com ele, subi as escadas de um edifício, onde morava uma amiga a quem ia visitar. De repente, um chamado impertinente. Em voz alta o porteiro do prédio, dedo em riste acusou: – “a entrada de serviço é por ali, crioula...” Fiquei alguns segundos, longos, sem entender, ouvindo aquele chamado de muito longe, como se um passado interrompesse na cena até então maravilhosa, que era a de eu estar

reconciliada com o “meu negro interno”. Aos poucos percebi que não era um passado, era uma realidade, fria e agressiva. Estava absorta até ali, em viver com o “meu negro” aqueles momentos de felicidade. Chegamos juntos até ali sem eu ter de mandá-lo recolher-se ao seu lugar, e pôr minha máscara de professora-bem-sucedida-na-vida. Respirávamos os dois a atmosfera de liberdade, pois descobríamos que sua liberdade dependia somente de mim, e eu não iria negá-la, embora sabendo que ele era profundamente vulnerável. De vez em quando, sem aviso, começava a implicar com os lugares, as coisas, as pessoas, fazendo-me perceber que havia hostilidade contra ele, por ser ele negro. Isso quando todo o mundo dizia que era um problema social a discriminação. Teimava sempre em dizer não.

Naquele dia, entretanto, ele se convencera muito rapidamente. Eu tinha uma explicação deveras convincente, reforçada por uma teoria respeitável, que reconhecia a realidade externa dele; não houve desmentidos; não foi dito que ele andava vendo coisas demais. E consolara-se, sobretudo porque a discriminação não foi dito que ele andava vendo coisas demais e consolara-se, sobretudo porque a discriminação partia de mim. A vantagem é enorme quando se conhece o inimigo, e quando esse inimigo está disposto a reconciliar-se... conhecíamos-nos bastante, portanto, poderíamos continuar juntos. Amávamos-nos... era o essencial.

Entretanto, “ele” exagerou. Fez-se desatento, sabendo-se muito frágil. Ao ouvir o homem aos berros, sua postura indecorosa, o dedo em riste, não teve tempo de reagir, de me despertar o disfarce (uma de suas defesas mais utilizadas: “faz-de-conta-que-você-é-superior”). Por isso fiquei algum tempo olhando o homem, que já começava a enfurecer-se: – “a entrada de serviço é por ali...” repetia. Com calma expliquei-lhe que era amiga da moradora do prédio e não empregada. Agastado o homem replicou – “também não vou adivinhar não é? Não sou adivinho”. Concordei.

Só, no elevador, “ele” voltou, humilhado, encolhido de encontro ao meu peito... um nó. Agora eu sabia o que sentia enquanto o homem falava — era náusea. O nó apertava-se numa ânsia. Ele

queria sair, e lutava comigo. Veio um espasmo de vômito, mas saiu um choro, um choro de criança e muitas lembranças. A coisa sempre repetida. Na escola ainda acreditava que um dia não seria mais zombada que aquele medo ia passar, que os olhares hostis, as piadinhas, as demonstrações de desprezo ou indiferença e descrença, como se eu não existisse ali como as outras pessoas, fossem somente por causa de minha condição de menina pobre no subúrbio. Já nessa época me perguntava o porquê daquela preocupação de igualar-se aos brancos. Porque, de vez em quando um professor vinha e falava da aceitação do negro pelo branco, e se dava ares de profeta? O que havia errado e destoante por ser de outra cor?

Como um filme que voltasse no tempo, revivi meus anos de universidade, as decepções, a presteza das propostas “esclarecedoras” do grupo de colegas. Talvez pela primeira vez vivenciasse a “aceitação”: uma só entre muitos, “querida de todos pela estranheza”. Ninguém perguntava ninguém queria saber. Já sabiam tudo sobre a origem de classe. Eu era uma negra brasileira, pobre. Todos sabiam o que eu deveria fazer, o que eu deveria querer.

Eu deveria ser a negação ou a aceitação de alguma coisa deles e não eu. Nessa época, às vezes o nó se tornava insuportável. “Ele” fugia nessas ocasiões, me deixando, como sempre, confusa, sozinha (acho que ele é um quilombola — tem mania de fugir), me deixando só uma cor. Senti naquele momento o mal-estar de tantos equívocos e odiei o ter ficado desatenta e exposto o “meu negro” a tamanha agressão. Recolhi-o a mim. Agora mais calma, sorria da ironia da situação. Quase que eu acreditara que estava em minhas mãos fazê-lo feliz, defendê-lo. Mas eu só o estou conhecendo, e conhecê-lo é justamente expô-lo, perguntar e encontrar resposta, no fundo esclarecedoras como a do meu, ou como a do porteiro do edifício. Conhecê-lo é estar só, como era no canavial, como no tronco, como agora.

Acerca da consciência racial

POR VOLTA do final da década de cinquenta o debate sobre as relações raciais que envolvem o negro no Brasil estava na ordem do dia, não tão amplo quanto atualmente, por causa das condições específicas da época, mas da mesma forma intenso. A emergência periódica do debate sobre a problemática racial, a nosso ver, é denominada menos por uma atitude particular dos negros como raça do que pela revisão moral dos valores gerais de nossa sociedade, reclamada por determinados setores dessa mesma sociedade, e que obrigatoriamente não inclui entre si o negro; é menos uma mudança qualitativa no comportamento racial da sociedade, que verbalizações e falácias de grupos pequenos que se desviam do debate principal ao nível político, para se ocuparem de problemas, que embora políticos, não estão em suas mãos resolver. (Se é que todos os problemas necessitam de solução). Naquele tempo como hoje o debate racial centralizava-se na relevância do papel da cultura do negro, da contribuição da cultura do negro, e mais recentemente na negação da cultura ocidental empreendida pelos negros brasileiros, ao permanecerem por tempo vivendo em condições que pouco diferem daquelas em que viviam sob o regime escravista.

Em tudo isto, embora a presença do negro exista debatendo e em alguns casos ela é individualmente ou em pequenos grupos possa aparecer como vanguarda daqueles debates, até agora estes carecem de sua presença livre e expressiva questionando ou abrindo frentes para uma provável solução, ou pelo menos para a revisão efetiva de conceitos que possam provocar uma mudança, senão nas relações em si, pelo menos naquelas falácias. Falácias que confundem a forma que se obrigou o homem negro de estar no mundo, causada pelo estigma do preconceito racial, com a sua cultura intrínseca. Que confundem o seu ser com a miséria a pobreza, o obscurantismo que impedem que ele enquanto grupo racial esteja com toda a sua potencialidade na sociedade na qual é um dos pólos.

Esse estado de coisas, no qual o negro em sua esmagadora maioria ainda se vê mergulhado, se presta atualmente para alimentar a corrente contracultural “tupiniquim”. O enaltecimento dessa pretensa “cultura” da raça negra é tida como o fiel da balança para se aferir a consciência ou não do negro brasileiro. É sobre o modo de estar no mundo e a consciência desse mundo, que são duas coisas distintas, que desejo me deter relatando um encontro. Para isso me reporto àquela época, no final dos anos cinquenta, em que as relações raciais e o preconceito estavam também na ordem do dia, nos debates dirigidos por Abdias do Nascimento e seu Teatro Experimental do Negro.

Ela [Jurema] parecia-se fisicamente comigo, tínhamos o mesmo corpo magro e a mesma altura, embora ela fosse mais velha dois anos. Voltava do ginásio, onde cursava o 2º ano ginásial, quando a encontrei. Usava um vestido muito surrado e sujo, tinha uma criança, esquelética como ela, nos braços e estava em estado adiantado de gravidez. Primeiro me dirigiu um sorriso tímido, como se estudando o terreno em que ia pisar, depois se aproximou numa atitude bem peculiar, como se estivesse com medo de me macular. Perguntou em que série eu estava. Disse-lhe, numa atitude também peculiar, como se tivesse a pedir desculpas, que estava no 2º ano ginásial. Quebrando o gelo inicial, tivemos um bate-papo meio esdrúxulo; me dava conselhos como se fosse um adulto, e só tinha quatorze anos. Entre repetições de “continue estudando” me disse uma frase que eu guardei marcadamente na memória: “não deixe que façam isso com você”. Como sempre ela me confundia, inclusive neste momento, ao pronunciar aquela frase. Tinha sempre aquela agressividade, que embora contida naquele instante se me dirigia em cheio. E o que me assustava sempre nela era aquela sensação do outro que me dominava em sua presença, era como se fosse um outro eu. De todas as nossas colegas eu só me sentia assim com ela.

Depois desse encontro eu só a vi mais duas vezes, uma delas quando, junto com o irmão, tentava carregar o pai bêbado que caíra na estação, ao lado do cesto de peixes e daquela faca que sempre me amedrontara. A faca eu vi pela primeira vez na sua mão, no dia em que ela, aos gritos, jurava sangrar um menino branco que a “dedurou” em sala de aula.

Quando eu ingressei na escola, recém-chegada de Aracaju, ela estava numa classe mais adiantada, seu nome era Jurema e tinha um irmão chamado Tião que era da minha turma. Pela primeira vez, embora estudasse numa escola pública e num bairro pobre, próximo à favela, tive uma colega da minha cor. Mas entre nós existia um como que abismo; enquanto eu imigrante nordestina, recém-chegada, era introspectiva e amedrontada, ela parecia nada temer e enfrentava tudo e todos com sua linguagem agressiva, carregada de palavrões e gírias, que a denunciavam como sendo “neguinha-do-morro”, apelido que repousava na boca de todos. Era da alcunha “neguinha-do-morro”, tão usada na época nas rodas infantis que eu me esmerava em fugir. Mas embora não fosse como Jurema, os castigos, os desprezos, o pouco caso e o próprio apelido me atingiam; e quantas vezes! Lembro-me que por essa época meu cabelo muito curto e natural era, como o dela, alvo das gozações do bairro: “paletó sem manga é blusão, negra sem cabelo é João”. E nós éramos seguidas por séquitos de meninos aos gritos, sob a complacência e adesão dos pais e dos outros adultos. Numa dessas vezes uma criança levantou o meu vestido para “ver se eu era menino ou menina”, foi o máximo das humilhações! Essas coisas aconteciam frequentemente conosco.

Uma das maneiras de que me livrava daquelas guerras de rua era me refugiando em casa, nos livros. Na sala de aula eu encontrava Jurema que não tinha como se refugiar e que brigava com todos, defendendo-se ou desacatando. Eu era uma das primeiras da sala, ela era inevitavelmente a última. E a algazarra das crianças não negras ao nosso redor. Como se não bastasse tinha todo o aparato de indiferença e ingenuidade disfarçada da instituição escolar. As professoras sem exceção eram brancas, antissépticas, castas, indiferentes e bonitas. Quase todas vinham de outro mundo, fora do subúrbio, fora da favela. A relação delas conosco era de fria empatia, ou de total aversão, como aquela do quarto ano, que deliberadamente nos confundia uma com a outra, e que numa aula de catecismo, dramatizando sobre anjo mau e anjo bom, chamou Jurema à frente do quadro negro e a comparou ao primeiro e a Rosa, uma menina loira, ao segundo. Naquele dia diante das gozações

ululantes da classe, Jurema, como alternadamente o fazia, pareceu não entender a alusão clara que se fizera à sua cor, caindo na gargalhada. Também pareceu não entender quando no mês de outubro daquele ano nossos trabalhos anuais foram recusados para a exposição, porque nós éramos “assim mesmo, não tinham capricho”. Pareceu não entender ainda quando eu, que sempre tirava uma dos três primeiros lugares, tirei o primeiro naquele mês, mas não fui, como era de praxe, convocada para guarda-de-honra da bandeira nacional “porque não tinha roupa decente”, e nós usávamos uniforme. Mas no início de novembro ela tinha desaparecido da escola.

Nos meados daquele ano um acontecimento marcou minha relação com ela, assim como toda a minha vida a partir daí. Como eu disse, um abismo nos separava. No dia em que eu a vi de peixeira em punho a cem metros da escola, chamando o “dedo-duro” para sangrá-lo, me encostei nos muros das casas e fugi, com uma gama de sentimentos a confundir-me, sendo que os mais dominantes eram o medo e aquela sensação de ser ela, de estar do seu lado sempre.

Até aquela altura ela parecia não me reconhecer, com as outras crianças às vezes me agredia por falar diferente, e antipatizava frontalmente com o meu comportamento quieto e o fato de ser uma das primeiras alunas. Não se dirigia diretamente a mim, nem eu a ela, até o dia em que eu soube que ela fizera um trocadilho com o nome do meu irmão. Me senti no direito de esbravejar contra ela, embora soubesse que quase toda a escola fazia o trocadilho muito antes dela. Quando dava vazão ao que achava justa indignação, ela apareceu na minha frente, e me chamou para ajustar contas “lá fora”. Meu medo foi tanto que não falei nada. Entretanto as outras crianças já se dividiam em dois partidos, a favor dela e a meu favor. Não tive opção.

Depois da aula o espetáculo se preparou, ao nosso redor toda a turma, os aderentes e nós duas no meio; eu morta de medo não só da bravura dela, mas, mais ainda do que isso, me envergonhava de ter de brigar justo com ela, a “neguinha-do-morro”, o que fazia de mim aquilo de que sempre tentei me defender. Chegamos ao ponto combinado, e, enquanto Jurema alardeava sua sagacidade,

ditando, como de costume, o que faria com aquele fardo inexpressivo em que eu me transformara, parti, atabalhoadamente para ela e dei-lhe sucessivos arranhões no rosto. Pega de surpresa, ela não reagiu, quedou-se a olhar-me estupefata. Parecia que só existíamos naquele lugar nós duas; uma algararra muito grande nos rodeava, mas nós permanecíamos em silêncio. Os meninos principalmente instigavam-me a continuar. Eu senti o choro espalhando por meu peito, minha face, enquanto Jurema apatetada continuava me olhando. Não sei quanto aquilo demorou, talvez não tenha passado de segundos. Ouvei uma voz de homem nos chamando de “suas neguinhas-do-morro”, perguntando se não tínhamos vergonha, etc. Sua mão me puxou para fora da roda. Enquanto todos ficavam em volta de Jurema, esgurei-me chorando de medo e dó, até em casa.

Daquele dia em diante seu comportamento mudou comigo. A turma se preocupou em me alcançar ao posto de heroína e novo ídolo, para mim eu tinha sido salva pela mão do homem e pela alcunha de “neguinha-do-morro”. Não entendia o que se passava com ela; começou por procurar estar sempre perto de mim, em algumas provas ficava do meu lado, pedindo cola, que eu dava com prazer. De minha parte comecei a me identificar cada vez mais com ela, não mais como estar do lado dela, mas como se ela fosse meu ídolo. Desleixei-me mais das minhas obrigações, e quando os trabalhos meu e dela foram recusados para a exposição anual da classe essa identificação chegou ao auge. Só que, enquanto no mês de dezembro nossa professora se surpreendia ao ver-me com as vestes pobres, recebendo o diploma das mãos das autoridades, por ter tirado o primeiro lugar, Jurema tinha sumido da escola.

Dois anos mais tarde a encontrava naquelas circunstâncias. Me contava que tinha “se perdido” e o homem pai da criança de colo a abandonara, ela tinha ido com outro que na ocasião a engravidara, abandonando-a a seguir. Mostrava-se de uma forma excessivamente interessada em que eu continuasse estudando, com se isto fosse algo vital para ela. Novamente se estabelecia entre nós aquela comunicação em que “tudo” não era dito, como se uma soubesse da outra a partir de um determinado dado que

ocultávamos. Adivinhava perfeitamente que aquele diálogo era impossível de se estabelecer entre ela e qualquer uma de nossas colegas brancas, não havia aquele dado que só nós duas, pela nossa experiência vivida sabíamos, e que entrava na composição de nossas personalidades, dado que fazia com que ela, a seu modo, e eu, do meu, enfrentássemos com unhas e dentes, com agressividade e com fugas o mundo preconceituoso que se delineava na nossa frente. O mundo preconceituoso e hostil que fechara o seu próprio mundo, delimitando sua vida com obstáculos irremovíveis, diante dos quais ela quedava prematuramente derrotada.

Hoje nada sei dela, nem de suas crianças. Eu continuei, não sei se movida pelas circunstâncias, ou pelo seu desejo, o certo é que a necessidade de continuar era impulsionada para me afastar do universo infantil, o qual nós duas compartilhamos e do qual ela foi a vítima. O certo também é que hoje o universo externo é semelhante. Recentemente ao me recusar a entrar pela entrada de serviço de um edifício, o porteiro justificou a atitude que tomara (quis me obrigar a entrar) dizendo que não adivinhava se eu era empregada doméstica ou amiga da pessoa a quem ia visitar. Do mesmo modo na infância a pessoa que levantou meu vestido justificou que não “adivinhava” se eu era menino ou menina, por causa do meu cabelo encarapinhado. Do mesmo modo a professora não adivinhava que eu era uma das melhores alunas da escola e que tinha os mesmos direitos que as crianças brancas nas mesmas condições.

Ninguém realmente pode “adivinhar” se o negro não por a boca no mundo e disser exatamente o que significa viver quotidianamente sob a tirania do preconceito racial que domina as ralações no Brasil. Ninguém adivinha, mas nós sabemos que não é tão real a aparência de negação dos valores sociais, pois nós não escolhemos essa negação. A aparência de “contestação” da qual uma grande maioria de negros parecem portadores, negros como Jurema, não é mais do que a ação corrosiva de uma opressão racial e social sobre um determinado grupo componente da sociedade brasileira. Com quatorze anos ela sabia que era produto de uma ordem injusta, e que não só ela, mas toda uma raça, daí nossa preocupação uma com a outra. Era se referindo a isso que ela me segredava: continue!

Quando observo o estardalhaço e certo modismo em torno da consciência racial do negro, pergunto às Juremas que existem dentro de mim e às com que cruzo nas ruas, o que pra nós representa esta “consciência racial”, que gira em torno da salvaguarda e preservação da cultura “folclórica” do negro, ou então da preservação da ingenuidade, do despojamento, da despreensão, da ausência previamente estabelecida do bem e do mal, da alegria, e de outras coisas que dizem pertencer intrinsecamente ao negro.

Observo também com alguma desconfiança as “estratégias” elaboradas às pressas para que nós vençamos o continuísmo de miséria, pobreza e aniquilamento pessoal. Prevêem para nós um segregacionismo absurdo, questiona-se estupidamente se nossa luta deve ou não deve ser empreendida ao lado do branco; blasfemam contra nós sob a justificativa de que devemos retomar nossos “valores culturais”, depois de quatro séculos de opressão sistemática e de ausência de organização como, esquecendo-se propositadamente que determinados “valores culturais” não são nada mais que a fórmula que fomos forçados a recorrer para nos defender da mesma opressão, e que portanto estão carregadas, impregnadas da nódoa do racismo e por isso socialmente ineficazes.

Gostaria de perguntar a Jurema neste momento o que ela acha, por exemplo, de enaltecer-se sua agressividade anárquica que a levou à marginalidade. Ela deve saber que esta agressividade era uma resposta à vida material insuficiente que tinha, era uma resposta às manifestações inúmeras e incontáveis do preconceito racial que imperava no meio em todo o aprendizado escolar nossa raça e os feitos dela eram enriquecidos, ocultados, distorcidos nos livros; era essa sensação de não ser, embora estivéssemos presentes naquele mundo que fazia de nós duas criaturas autômatas, amargas e dispersivas, sem nenhuma identidade com as mestras, com as colegas, com as coisas contadas nos livros. Gostaria de lhe perguntar, se, depois dessa experiência que a levou inclusive a abandonar a escola no último ano, gostaria de lhe perguntar, repito, se ela ficaria piamente agradecida se soubesse o quanto os brasileiros brancos se orgulham de trazerem na sua composição social “elemento tão importante quanto o negro, principalmente no momento em que se intensificam as ralações do Brasil com a África”.

Você ficaria agradecida Jurema? Se você conseguiu sobreviver, em que favela você mora? O que você faz para ganhar seu pão-de-cada-dia? Eu soube muito tempo depois que aquele bêbado do seu pai foi assassinado por outro peixeiro. Pelo menos peixe, sei que é capaz de você não comer mais facilmente. Soube também que seu irmão, meu colega, tinha sido preso como maconheiro e marginal perigoso. E você e suas crianças? Com quantos homens mais você teve filhos? Sabe, acham que isso é que é vida, porque só assim você sabe das coisas e continua negra, “dentro da sua cultura”. É Jurema? Nós duas sabemos o que é ser negro, e quantas coisas por isso você deixou de aprender! Jurema, quantas coisas não nos ensinaram. Mas eu aprendi. Não sei se porque continuei.

Neste instante eu me dirijo a você, onde e como você estiver: É duro zombarem do seu sofrimento com tanta acomodação. Olhe, Jurema, justamente por que as coisas foram assim com você era importante que você me respondesse. Lembrando nossa infância, a nossa adolescência, não posso aceitar sem asco que queiram nos dar como alternativa nossa “cultura” e nossa forma de estar no mundo. Não aceito porque é um preconceito. Quem nos dá esta opção são os mesmos brancos. Eles não sabem que você um dia me disse – continue. Eu continuei, mas lhe digo que não adiantou muito. O preconceito é o mesmo, embora hoje eu seja mais “viva” e não o deixe me destruir como destruiu parte de você. De onde você estiver, fazendo de suas palavras as minhas: “Não deixe que façam isso conosco!”

Literatura e identidade

[Ensaio escrito para o II Perfil de Literatura Negra — Mostra Internacional de São Paulo, 1987]

A IMAGEM do negro na literatura brasileira pode ser vista de duas maneiras, ambas muito difíceis de relacionar com a questão da identidade na medida que há várias acepções e variados fatores que determinam a identidade, seja ela individual ou no plano do conjunto de indivíduos pertencente a uma mesma etnia, família ou nação. Queremos sugerir que a identidade não se faz com um só elemento caracterizador, mas nas interrelações sociais, onde origem, meio formador, aspirações e frustrações se combinam.

Em relação ao negro e a literatura poderemos usar como escolha dois enunciados para situar um no outro, da forma como, grosso modo, como interagem.

1 – Com poucas exceções essa literatura é pensada e escrita por autores brancos que fazem parte do grupo social e econômico dominante. Por intelectuais que repetem e reproduzem seres estereotipados nas suas narrativas memórias ou ficções. Esta produção se faz transpondo o negro, se numa narrativa, e principalmente, na memória, como a relação dominante entre branco e negro. A ele são dados os papéis mais subalternos, sejam relacionados ainda ao sistema escravista, sejam relacionados ao sistema moderno de alocação de mão de obra. No primeiro caso, são escravos extremamente submissos como Bertoleza de O Cortiço de Aluísio de Azevedo. No segundo, homens e mulheres de profissão ou vidas marginais de uma realidade regional. Há ainda um outro exemplo muito comum, negros sempre ambíguos entre o racismo e o processo de ascensão social (em Josué Montello, Tambores de São Luís)

O importante é verificar que o negro não fala nessa literatura de seus anseios mais íntimos enquanto homem, da sua visão de mundo verdadeira, das diversas gamas de sua psicologia,

enquanto um discriminado ou despossuído, assim como em decorrência da dinâmica política mais ampla frente a esses estado de coisas. Frente ao quadro descrito, esta característica não seria mesmo possível de se desejar.

As formas de luta negra para subtrair-se a essa condição na literatura analisada, quando existem, são sempre idealizadas, beirando um romantismo de certa forma exagerado, que não fica longe de um comportamento infantil, mostrando uma fragilidade que desemboca em perplexa frustração.

Essa literatura está atrelada a um modelo histórico do negro no qual seu grito dói sufocado pela avalanche pela avalanche de contradições de uma sociedade e cultura brasileiras, que por terem sido produzidas fortemente pelo grupo ainda como escravo, às vezes funciona como impedimento de sua própria busca de emancipação e modernização. Aí o negro é aquele que ao lado da indignação e da busca de mudanças, nunca alcança, porque serve como anteparo das lutas dos demais oprimidos. É ele muito mais um alçador de bandeiras do que um agente de mudança, não ficando muito claro as especificidades de suas questões.

A literatura comporta como se fizesse somente uma reflexão, colocando o negro fictício num confronto com o real a partir daquilo mesmo que é visto como produto de seu trabalho, o desenrolar da sua vida e o estar de suas relações com o mundo. Isto é, fica o descendente de africanos aprisionado a um só modelo cultural, reeducando-se por um fator de ficção.

É uma psicologia literária canhestra, uma tipificação. Fora autores negros, principalmente Lima Barreto, que possibilita em sua obra a análise de sua própria psicologia, dinamizada por se debruçar sobre o preconceito racial, como uma dinâmica e não como uma característica fina, os grandes literatos que fazem uso do tema negro, não adentram a esse propósito. É como se o personagem, despossuído ou “doutor” não tivesse uma psique que se atualiza, sendo somente possuidor de um pensamento mágico ou vítima passiva de um fatalismo.

O amor nessa literatura é sempre o inter-racial. Poucas obras se referem ao amor entre negro e negra, quando há trata-se de um amor destituído de prazer, no qual o sentimento está restrito às questões de sobrevivência material. Se há exceções não cobrem a tendência a apresentar, não dois seres que se desejam, mas que se juntam por contingências ligadas às perspectivas de vida mais primária: alimentar-se, trabalhar, (se trabalham, geralmente isto cabe à mulher), propiciar outros seres sem ambição e morrem.

Não me ocorre algum autor que se debruce sobre a história de uma família negra como tema literário. O afeto do homem negro está sempre dirigido ao desejo sexual pela mulher branca, ou a contrapartida, do homem branco pela mulher negra (escrava, babá, empregada), ou então a mestiça (mulata, padrão de eroticidade), sem estruturas institucionais. Essa tônica literária, em ambos os casos, representa mais o desafio do outro do que o encontro pleno com o mesmo, o que sempre ficticiamente empreende uma relação de submissão.

Na verdade essa temática reflete uma ideologia-mito, no mínimo fundada na fantasia de que o desejo interssexual tem por objetivo outra fantasia-mítica-nacional que necessariamente deságua em uma frustração não resolvida: a busca de romper o bloqueio da ascensão social, o ingresso no mundo do outro, proibido, que ocupa um lugar social, por seu turno proibido também.

Essa ideologia, até recentemente, fundava-se na vontade nem sempre confessada, mas em alguns autores explícita, de que a resolução das desigualdades raciais e de status social passavam pelo intercurso entre sexos, através do produto humano dessas relações. Ou seja, os filhos mestiços desencadeados pela ideologia de embranquecimento da sociedade brasileira. Embranquecimento idealizado no conceito da morenidade e democracia racial.

Não se compreenda que estejamos ao fazer nessa análise um julgamento preconceituoso, nem mesmo algum preconceito. É inegável o papel da miscigenação nos países pluriétnicos, inclusive no Brasil. O importante é não vê-la de um ponto de vista eugenista. Não é ela o produto final positivo

das relações interétnicas, pois essas transcendem essa perigosa amplificação, ao depararem-se com os verdadeiros conflitos, sejam individuais, políticos ou sociais, os quais acarretam as desigualdades étnicas em nosso país.

O que há de positivo nessas trocas, talvez possamos mesmo afirmar como positivo, é que se deve, por direito individual adquirido respeitar a liberdade embutida no desejo de um ser humano por outro, a nosso ver o fundamento político de qualquer sociedade organizada. Entretanto só isso não deve ser apresentado como uma autoestima nacional, abrangendo um todo social simplificada-mente, quando, ao contrário da “boa vontade” de alguns literários, o revestimento dessa ideologia encobre o peso do preconceito e da discriminação racial.

2- A outra vertente da abordagem, diz respeito à ausência da escrita na vida da maioria dos negros no Brasil. Seja pelo empobrecimento e analfabetismo em que a maior parte da população brasileira esteja mergulhada, seja pela demora em se estabelecer uma filosofia educacional em que os elementos da cultura negra que remontam a origem africana sejam negligenciados do contexto do ensino no Brasil.

Ora, é preciso, antes de mais nada, analisar o papel de uma possível oralidade de origem africana, segundo alguns estudiosos ainda presentes no comportamento da comunicação dos negros. É preciso vê-la não somente como uma tradição a ser preservada ou regatada, mas também como uma variante do processo de dominação que marca a desigualdade racial e social. O profundo empobrecimento que levou essa camada da população à miséria após a Abolição da Escravatura, apoiado em fatores tais como: a crise econômica nas primeiras décadas do século, o não assentamento daqueles ex-escravos em estabelecimentos fundiários (substituição pelo imigrante); o crescente vigor do preconceito e discriminação raciais no mercado de trabalho ascendente; a política centralizadora do Estado; a

expansão urbana; [e,] a mortandade; excluíram os descendentes de africanos do processo educativo, portanto, do acesso à escrita. Nesse contexto, a oralidade tornou-se comprometida, na medida em que próxima do imaginário, perdendo sua própria objetividade.

Podemos recorrer como complemento dessa literatura oral às letras de composições, sejam aquelas de manifestações artísticas coletivas como: Congada, Folia de Reis, Boi Bumbá, etc... sejam as composições dos sambistas nos centros urbanos. Essa literatura musical, cuja temática varia da crítica política do falar cotidiano até a lírica, de certo modo compensa o pouco domínio da língua em que a maioria da população se vê envolvida. Numa certa medida e em muitos compositores a fluência verbal, o domínio literário surpreende por uma autêntica poética e de certo modo, também, uma correta erudição.

Entretanto sua produção é vista puramente como um lúdico e não como um historicismo. É vista como a produção de um indivíduo e não uma manifestação de logos socializado, produto de um ethos coletivo. Não é uma literatura musicada, mas uma música rimada, cujo sentido da palavra cai no vazio.

Por fim, dentro deste quadro já começa a surgir a voz desta maioria silenciosa.

Leituras de longe—perto



BEAFRICANÇÃO

ARNALDO XAVIER

BeaTRIZ do Nascimento da Luz
BeaTriZ do Nascimento de Ori
BeaTRiz do Nascimento do Luar
BeatriZ do Nascimento de semente
BeaTriz do Nascimento do fogo
Beatriz do Nascimento da cor
BeaTRIZ do Nascimento da noite
BeatriZ do Nascimento do vento
BeatrIZ do Nascimento de Oxum
BeatRIZ do Nascimento de flor
BeaTRIZ do Nascimento da negra
BeaTRiz do Nascimento do negro
BeaTriz do Nascimento do mar
BeaTRiz do Nascimento da terra
BeaTRIZ do Nascimento de raiz
BeatRIZ do Nascimento da lágrima
BeaTRiZ do Nascimento do tempo
BeaTrIz do Nascimento da chama
BeaTrIZ do Nascimento da flecha
BeATRIZ do Nascimento da pedra
BeatRiz do Nascimento do Sol
BeatriZ do Nascimento do Quilombo
BeatrIZ do Nascimento do tambor
BeaTRIZ do Nascimento d'África
Beatriz do Nascimento da escuridão
BeatRIZ do Nascimento de Iansã
BeatrIZ do Nascimento vermelho
Beatriz do Nascimento QUE DOR

Entre os corpos humanos e celestes: onde ela se sente bem?

ALEX RATTIS

A HISTORIADORA, professora, ativista e poeta brasileira Beatriz Nascimento, nascida em julho de 1942 e falecida em janeiro de 1995, deixou uma obra composta por ensaios, poemas e aforismos que em parte estava dispersa em livros, revistas e jornais esgotados ou de difícil acesso o que a colocava e também o seu trabalho em relativa situação de esquecimento. Sua principal pesquisa abordava os quilombos que existiram em todas as regiões do Brasil. Ela também se dedicou a estudar outras espacialidades e culturas negras, além de ter escrito alguns artigos a respeito de mulheres negras. Em vida, ela divulgou poucos poemas. Parte de seus ensaios foi republicada em *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* no qual estabeleço um diálogo com sua obra. Este livro foi feito a partir do contato inicial com familiares e pessoas amigas e, posteriormente, com uma pesquisa nos acervos localizados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Por ocasião do lançamento do livro, em outubro de 2007, no Centro Afro-Carioca de Cinema, na Lapa, Rio de Janeiro, conheci Bethania Gomes, filha do primeiro casamento de Beatriz Nascimento com o arquiteto cabo-verdiano José Gomes, bailarina e professora de dança. Soube que ela tinha a intenção de publicar os poemas de sua mãe e manifestei a vontade de trazer à tona os ensaios inéditos. A partir de 2008 voltei a trabalhar com o acervo do Arquivo Nacional, me dedicando a levantar e analisar os projetos acadêmicos, ensaios e artigos. Desde 2012, Bethania e eu temos trabalhado com o conjunto dos poemas, aforismos e outras anotações que estão em suas mãos.



Entre textos negros e femininos

No processo de pesquisa com a obra de Beatriz Nascimento trabalhei com o acervo que está distribuído em dois locais. O primeiro foi o material levantado para a realização do filme Ori, do qual Beatriz foi a principal pesquisadora, doado pela diretora Raquel Gerber ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. À época, a coleção de artigos, recortes de jornal, panfletos e cartazes estava disposta em algumas caixas sem catalogação. O mesmo se deu com o conjunto de documentos doado pela família para o Arquivo Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, acondicionado em várias caixas não catalogadas.

Os ensaios inéditos de Beatriz Nascimento tratam das relações raciais e trazem reminiscências de sua vida enquanto negra, mulher, menina, estudante, pesquisadora, mãe e filha. Os aforismos e outras anotações tocam nos mesmos temas. Algumas trazem registros e reflexões de momentos particulares como o tratamento de transtornos psíquicos ou da perda de familiares e amigas/os. De um lado, estes escritos de Beatriz, realizados entre os anos 1970 e 1990, lembram algumas memórias de Carolina Maria de Jesus nos livros Quarto de despejo e Diário de Bitita, datados dos anos 1950 e 1960 (considerando as versões editadas e os cadernos sem edição), no sentido de trazerem a experiência de uma mulher negra oriunda das classes populares e sua preocupação de marcar as questões que lhe atingem e interessam, os seus percursos, suas temporalidades, os lugares e as pessoas com quem ela estabelece relações próximas ou distantes. De outro lado, ao contrário de Carolina, são textos de uma pessoa que ascendeu socialmente e passou pelo processo de escolarização até a formação acadêmica, além do ativismo no movimento negro.

Os escritos publicados e inéditos de Beatriz Nascimento evocam a memória de Lélia Gonzalez, outra acadêmica e ativista que lhe foi contemporânea, conquanto tratam de temas comuns, a exemplo do racismo, dos espaços negros, da mulher negra, além de trazerem algumas referências pessoais

e uma preocupação com a linguagem. A primeira com a vertente poética e a segunda utilizando o falar português popular e negro, o pretuguês. No entanto, alguns ensaios inéditos de Beatriz e, sobretudo, os poemas trazem uma densa escrita de si, que pouco vemos na obra disponível de Lélia.

As duas autoras trazem em suas trajetórias o cenário comum a intelectuais negras e negros em evidência nos anos 1970, no campo da militância e com trânsito por espaços acadêmicos, cuja produção bibliográfica se torna pouco conhecida, a exemplo de Eduardo Oliveira e Oliveira e Hamilton Cardoso. No caso delas, houve e mais ainda após sua morte em plena atividade: Lélia aos 59 anos, em 1994, em face de um infarto; Beatriz aos 52 por assassinato de caráter misógino, por defender uma amiga de um namorado violento; Hamilton e Eduardo por suicídio, o primeiro aos 45 anos em 1990 e o segundo aos 56 anos em 1980.

No meu entendimento, estas/es intelectuais insurgentes passaram por duas mortes — a perda da vida e o encobrimento de seus pensamentos e de sua obra — o que as/os insere no quadro amplo do genocídio e epistemicídio (a morte do/s saber/es) que atingem os segmentos subalternos na sociedade brasileira, notoriamente indígenas e negros. O retorno aos seus textos permite inseri-las/os no cenário do pensamento negro como tem acontecido com Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez e o pensamento de mulheres negras.

A escrita de ambas pode ser relacionada à obra publicada de intelectuais ativistas afro-estadunidenses e de outras mulheres chicanas e afro-latino-americanas. Estas autoras antecipam a perspectiva interseccional de pensar articuladamente os eixos de dominação (ou discriminação): raça, sexo, gênero, classe e espaço. São criadoras de categorias de abordagem da diáspora como transmigração, no caso de Beatriz Nascimento, e Amefricanidade, no que concerne a Lélia Gonzalez.

A publicação de vários ensaios e poemas da autora e ativista em foco possibilita a aproximação com duas escritoras negras cuja vertente literária compõe os seus textos: Alice Walker e Audre Lorde, a primeira traduzida no Brasil nos anos 1980 e a segunda que chega há pouco com algumas

traduções em português e espanhol. São textos de mulheres negras da diáspora africana que trazem, além das questões de raça e gênero, temas como o afeto, a autoestima, o corpo, os lugares e a espiritualidade sempre com o sentido ampliado de que “o pessoal é político”.

Os corpos próximos e distantes

Beatriz escreve vários poemas e alguns ensaios que trazem à tona o feminino, as mulheres, a mulher negra. A autora, ativista e artista não era vinculada diretamente aos círculos feministas de sua época, nem mesmo aos grupos de mulheres negras, mas era conhecida neste campo. Em 1986 o Conselho Nacional de Mulheres do Brasil a agracia com um diploma de destaque do ano.

De sua obra publicada eram conhecidos os ensaios *A mulher negra na força de trabalho* publicado no jornal Última Hora em 25 de julho de 1976 e *A mulher negra e o amor* que compõe a edição de fevereiro e março de 1990 do Jornal Maioria Falante. No primeiro artigo, a partir dos recenseamentos da população brasileira e de uma reflexão acerca do processo histórico, ela aponta a situação de “inferioridade social” da mulher negra. No segundo, ela se dedica a estabelecer uma correlação entre os processos sociais e as dinâmicas pessoais das mulheres negras no contexto colonial e na contemporaneidade.

Vários poemas que trazem como tema as mulheres e o feminino foram escritos neste período. Em *Insegurança*, datado de 1988, Beatriz se volta para as mulheres de sua família e ao tempo da infância sem se referir ao seu pertencimento racial. É possível distinguir três partes, três fases de nascimento. A primeira se faz a partir da mulher mais próxima, da mãe. O ventre materno é comparado às praias de Aracaju, portanto às margens do oceano Atlântico:

Nasci segura em rede esticada
Em praia de claras águas
Em ventre bom e gostoso de poderosa mulher
No caminho topei com a primeira pedra
Grito de terror diante da luz
Senti-me insegura, primeira expressão de náusea

Um segundo nascimento acontece tendo em volta outras mulheres próximas que não sabemos se pertencem à família ou à vizinhança. Ocorre também um segundo momento de angústia:

Nasci segura em mãos experientes
Entre sábias mulheres com muita atenção
Coisa viva, animada
No caminho topei com a segunda pedra
Grito de terror diante da treva
Senti-me insegura, o primeiro vômito

O terceiro e último nascimento indica o tempo da primeira infância, de tranqüilidade e fartura, e a vontade ou possibilidade da puberdade: o ser e tornar-se mulher.

Nasci segura entre corações amorosos
Leite, doce, pão e mel em abundância
No caminho topei a terceira pedra
Grito de terror diante de ser
Senti-me insegura, a primeira insônia
Anúncio de ser mulher.



Ao intitular o poema de Insegurança, a poeta rememora e recria a ideia de um ambiente familiar predominantemente feminino e, por isso mesmo, seguro que lhe permitiu passar por várias fases da vida. Neste caso, não é demais uma repetição: são três instantes de nascimento de uma mulher entre mulheres da família Nascimento, sua mãe Rubina, as avós Sinhorinha (materna) e Madalena (paterna) e as irmãs que lhe antecedem – Carmem, Rosa, Isabel e Regina.

Há alguns poemas dedicados direta e inteiramente a alguns homens, a exemplo do pai, Francisco Xavier do Nascimento e a Roberto Rosemberg, segundo esposo de Beatriz.

A escrita de Beatriz Nascimento que observo nos poemas e nos ensaios torna-se profundamente espacial, posto que evidencia as aproximações e os distanciamentos entre corpos humanos, paisagens corporificadas e corpos celestes. A diáspora africana nas Américas aparece nos textos poéticos dedicados a figuras míticas e históricas a exemplo dos orixás, do líder Zumbi dos Palmares e daqueles que mencionam as ruas e os morros do Rio de Janeiro, os quilombos e o próprio país.

Em Urgência, poema aqui republicado, Zumbi é um dançarino que irrompe num palco-arena:

E eis que surge na arena
Dançarino flamejante de intenções
Descabido como algo que desceu em terreno ocupado
Misterioso como dádiva encantada
De longínquas paragens
Propiciador que ignorava capítulos de sua doutrina
Arrebatado qual luz da primeira hora.
Entre trevas e lusco-fusco
Ninguém saberia dizer sua “Eternia”.
De que matéria se constituía
A que missão se destinava.
(...)

O poema Urgência II (Quilombo dos Palmares) a ação anti-escravista, na verdade reação, aciona a rememoração do quadro africano etnolinguístico banto e do Ntu, termo que designa o ser:

(...)

N' tu sou, muntu o outro

Brilhante de asas arrebatadas

Malungo todos untados

Pela seiva da procriação

Faça-se o plano da reação

Retinir sacrílego do metal

Informe ao amalgama terral

Tão possível na sabedoria ancestral

Irreconhecível no elo mortal

Correção imediata do equilíbrio

Reinvenção do sonho pressentido

Imune ao deus escondido:

(...)

Beatriz Nascimento reflete como vivência e estudo várias espacialidades negras, a começar pelas cidades de residência e a pesquisa acerca de quilombos e expressões culturais afro-brasileiras. Enquanto menina (e posteriormente mulher) de origem negra e pobre conheceu certa ascensão social e teve uma mobilidade espacial, saindo de Aracaju para o Rio de Janeiro, morando primeiro no subúrbio e depois na Zona Sul da capital.

Dentre os locais de referência para ela há casas, escolas e a universidade. Há o lugar da primeira infância onde residiu e a casa do avô que, de fato, ela não conheceu. Nas representações da casa – home/lar – praticamente não há apologia ao espaço doméstico como lócus primordial da construção de feminilidades.

Há locais de passagem como as ruas em que ela, ao sair de uma discussão com o psicanalista em que ele reconhece o racismo, mas, ao dizer que o “negro interno” dela exagera na percepção de situações de tensão racial, ela circula pela Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e seu “negro interno” se manifesta:

Me sentia na rua um pouco eufórica por poder pensar calmamente no “meu negro”, amá-lo, exibi-lo aos transeuntes, sem medo. Fora de mim existia um negro maltratado, que passa fome, que vive nas piores condições de sobrevivência. A mulher negra está sozinha, prostituindo-se, serviçal doméstica ainda os moldes coloniais. Mas eles são os outros! Os brancos pobres também estão na mesma situação e não conheço nenhum branco de classe média que vá ao analista por que os outros vivem na miséria. Caraminholas da minha cabeça essa de existir preconceito racial.

Dentre os locais de passagem, Beatriz Nascimento se refere ao *hall* de entrada de edifícios de apartamentos, onde uma de suas personagens, à semelhança de outras pessoas negras, antes de solicitar qualquer identificação é impelida pelo porteiro a se dirigir ao elevador de serviço. Esta era uma cena comum à época: a separação nos edifícios de apartamento entre elevador social e de serviço.

Os espaços escolares são rememorados por Beatriz Nascimento como locais de experiência e construção do ser e tornar-se negra, da formação da consciência negra, como se dizia naqueles anos 1980, e da recusa de um lugar social predestinado, sendo uma, a estranha, entre “os outros”. Ela traz o exemplo da universidade onde era uma das raras pessoas negras na condição de estudante:

Na escola ainda acreditava que um dia não seria mais zombada que aquele medo ia passar, que os olhares hostis, as piadinhas, as demonstrações de desprezo ou indiferença e descrença, como se eu não existisse ali como as outras pessoas, fossem somente por causa de minha condição de menina pobre no subúrbio.

Beatriz conclui o ensaio falando da solidão e da fuga de seu “negro interno” face ao racismo, rememorando também cenas do período escravista:

“Ele” fugia nessas ocasiões, me deixando, com sempre, confusa, sozinha (acho que ele é um quilombola – tem mania de fugir), me deixando só uma cor. Senti naquele momento o mal-estar de tantos equívocos e odiei o ter ficado desatenta e exposto o “meu negro” a tamanha agressão. Recolhi-o a mim. Agora mais calma sorria da ironia da situação. Quase que eu acreditara que estava em minhas mãos fazê-lo feliz, defendê-lo. Mas eu só o estou conhecendo, e conhecê-lo é justamente expô-lo, perguntar e encontrar respostas, no fundo esclarecedoras como a do meu amigo analista, ou como a do porteiro do edifício. Conhecê-lo é estar só, como era no canavial, como no tronco, como agora.

Mais uma vez ela coloca o corpo negro no centro de suas preocupações acerca da dimensão espacial do racismo. A autora trata de um corpo em percurso, em movimento, chamando a atenção para as fronteiras e barreiras do racismo.

O corpo-espaco existencial e cósmico: onde ela se sente bem?

Antes de completar 40 anos, Beatriz Nascimento se viu diante de um quadro de transtornos psíquicos que indicavam para ela o diagnóstico de PMD (psicose maníaco-depressiva). Este quadro, pontuado por ela em alguns momentos, a afeta em pleno trabalho como professora, pesquisadora

e ativista, sem, no entanto, atingir seu processo de buscas pelos temas que lhe interessavam e de criatividade. Sem me ater a detalhes do quadro de saúde, o que cabe refletir aqui é que ela narrou esta situação em algumas entrevistas, ousou correlacionar a dimensão psíquica ao cenário racial (NASCIMENTO, 1982, p. 196) e enfrentou seus dilemas por meio da escrita literária.

Alguns de seus textos em prosa e poesia, guardada a devida distância espacial, temporal e situacional, me lembram os escritos de Lima Barreto por ocasião de sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, com diagnóstico de alcoolismo, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, contidos no Diário do hospício, mas também podem ser relacionados a outro livro do autor — Cemitério dos vivos — que consiste em diário e romance. No primeiro livro, Barreto traz o incômodo do estar ali, em situações restritas e muitas vezes vexatórias, mas apresenta críticas ao saber-poder das instituições médicas e policiais e reflete acerca do ônus do pertencimento racial e de classe. Na segunda obra, há trechos de lirismo pungente quando trata de um determinado pátio do hospital:

Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento.

É uma luz negra sobre as cousas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa.

(BARRETO, 2011, p. 211)

Arrisco-me a dizer que Lima Barreto prefigura as discussões contemporâneas acerca da masculinidade negra quando trata da recorrente suspeição da polícia sobre os homens “de cor” e quando

repensa seus hábitos e seus equívocos ao reconhecer que o alcoolismo lhe prejudicou na condução de suas responsabilidades como filho, trabalhador e escritor.

No poema Surto final (Estação terminal) Beatriz comenta uma situação de internação, de ausência médica e rememora um momento infantil:

Meu médico não está!
Como esta noite irei sonhar
Com flores e coisas lindas
Comigo como menina
Certa vez eu fiz criar

No aforismo Se eu pudesse encontrar o fio ela se pergunta como encontrar de volta um ponto de descanso legítimo – sem situações extremas, sem medicamentos:

Se meu cérebro descansasse de recordações perversas, de dilaceradas lembranças! Se eu pudesse escrever não tormento, mas alegria, não ressentimento, mas afirmação. Ah! Se pudesse descrever objetivas razões e não meu próprio subjetivo alçando-me a essas horas intactas.
Se meu cérebro repousasse não à custa dessas drogas psicopatas, mas num descansar legítimo, quando embalada em letal delícia meus sonhos sejam produzidos. Nunca o estado de impotência.

Uma indagação semelhante permeia o poema Cura acerca da possibilidade de recuperação e um “tecido todo desfeito” no qual emerge a metáfora da reconstituição de uma teia:

Será preciso cerzideira, sábia e bordadeira
Difícil de encontrar o ponto final da teia
A trajetória ao contrário do que foi despedaçado
Em horas de des-espero

Tais trechos me fazem lembrar ainda – com as devidas ressalvas – o caso da poeta catalã Princesa Inca (Cristina Martín) que, no livro *La mujer-precipicio* se confronta com seu quadro de esquizofrenia e dele extrai parte de sua lírica, como se pode observar no poema *El insomnio es blanco*:

(...)
A insônia é branca,
branca suja como o pátio do cárcere.
Branca como as vestes e as cintas dos psiquiatras.

A insônia é branca.
Branca. Branca. Branca.

Branca como as pílulas
que muitos tomam a cada noite
para enganar essa insônia tão branca.

Branca. Branca.

A insônia é branca.
(INCA, 2011, p. 38, tradução minha)

A exemplo de muitas e muitos poetas, Beatriz Nascimento, em vários poemas, trabalha com a metáfora de corpos distanciados traçando rotas entre paisagens atlânticas, como foi mencionada

acima, e por vezes entre elas e corpos celestes como relativos ao feminino, notoriamente Terra, Vênus e Lua. O gesto banal de alguém que caminha só e contempla os céus em parte se repete, mas aqui evoca a composição cósmica de cada ser vivo, anunciada na religião dos orixás. O estranhamento da experiência negra face ao racismo e outras formas de desumanização parece exigir um adentrar em si e um sair de si. O poema Marúcia apresenta parte desses percursos:

Vênus finita
Companhia de um ciclo
Lunar, enfática,
Estrela – Guia;
De um Universo
Polar.
Terra, firmamento,
Areia e mar
Êxtase e agonia,
Aconchego solar
Dia-estrela brilha.
Sem nunca mais
Retornar quem do
Princípio não for,
Dores apaziguar.
(...)
Se és estrela termina
A própria origem, a sina

Orgásmica de aleitar
Eterno sonhos, manias,
segredos, falas vazias...
que é preciso internar.
Entre a trajetória da lua,
E aquela que é a sua
Quem delimita o lugar?
Quem de alturas espia
O abismo dos teus mistérios
Do teu planar deletério
No teu “Vesúvio” espraia?
(...)

Para além da variedade de temas da escrita poética e ensaística de Beatriz Nascimento reitero que identifico a dimensão corpórea-espacial em muitos textos de sua autoria. A preocupação de longa data com os quilombos e depois a conexão com espaços fixos ou efêmeros das culturas negras – terreiros, bailes *black*, favelas, congadas, etc. – está certamente na base dessa observação, o que se complementa com leituras de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Quanto à poesia, a mim me parece que Beatriz se aproxima de uma ideia de Audre Lorde de que esta “o instrumento mediante o qual nomeamos o que não tem nome para convertê-lo em um objeto de pensamento” (LORDE, 2003, p. 15, tradução minha). A palavra pode tornar-se ela própria um corpo.

Com vistas a uma conclusão, posso dizer que, entre os anos 1970 e 1990, além de historiadora e ativista, Beatriz Nascimento tornou-se professora, pesquisadora e poeta, trazendo para seus tex-

tos reflexões sobre as relações raciais e espaciais, de classe e de gênero, particularmente a respeito da mulher negra das classes populares e médias, acrescentando sua experiência pessoal de filiação, maternidade, irmandade, perdas e amor, e trazendo uma dimensão cultural e política.

Os ensaios continuam atuais ainda que tenham aspectos ou cenas datadas. Há poemas primorosos e outros com rimas fáceis e imagens comuns. O trabalho com a linguagem parece pouco experimental para o período, mas nota-se o pouco uso de termos como escravizada/o, negra/o, quilombo e a rara evocação de nomes de orixás ou de lideranças antirracistas. Um outro fio condutor merece destaque: a existência pela palavra, não como algo utilitário ou essencial, mas como uma procura incansável pelas várias formas de nomear, tangenciar ou alcançar os corpos humanos e os corpos celestes invisibilizados pelas opressões e pelas dores que embotam o dizer, o falar, o descansar, o estar bem. Parafraseando Alice Walker, é pela palavra que Beatriz Nascimento continua vivendo e vive.

Referências

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo, Cosac & Naif, 2010.

COSTA, Haroldo. *Fala, Crioulo*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Ed. 34/Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva, Luiz Antônio Machado et al. *Ciências Sociais Hoje 2: movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: Anpocs, 1983, p. 223-244.

_____. A categoria político-cultural de Amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

INCA, Princesa. *La mujer-precipicio*. Barcelona, Libros del Silêncio, 2011.

LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. Madrid: Horas y Horas, 2003.

_____. *Los diarios del cáncer*. Rosario: Hipólita Ediciones, 2008.



NASCIMENTO, Beatriz. Maria Beatriz Nascimento. Pesquisadora, 39 anos. In: COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. Rio de Janeiro, Record, 1982, p. 194-198.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu Estranho Diário*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

———. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

———. *Quarto de despejo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, 10ª. Ed.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, Alex & RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

WALKER, Alice. *Vivendo pela palavra*. São Paulo, Rocco, 1988.

Cabeça de Negra: a poesia atlântica na construção da cena

LUCIA GATO

IDOS DE 1985: não sei se foi a coxia, o silêncio inquietante do entrar em cena, o abraço percussivo do diretor Alceu Estevam que introduzia a música na peça Chico Rei, mas quando me foi revelado o ofício ,aprendi a suspeitar de quando estou próxima de um chamado, ao qual não direi outra coisa a não ser... Vamos lá!

Essa também foi a forma em que vi crescer todo o tecer inquietante da pesquisa de Alex Ratts sobre Beatriz Nascimento resultando no livro “Eu sou Atlântica” e a partir de então, não pude deixar de navegar no imenso mar de poesia que Beatriz concebeu, como quem concebe filhos e personagens, misto de angústia-calma, surpresa-prazer, eu-outro.

Não é nada fácil estar entre a descoberta da sua semelhante, como nos ensina Elisa Lucinda, e termos no outro extremo o jogo silencioso da invisibilidade que ainda nos cerca, enquanto mulheres negras, na medida em que continuamos às voltas com o enredo que nos discrimina e não respeita nossas especificidades em todos os campos.

Essa violência histórica que corrompe nossa força expressiva e propositiva e tenta neutralizar nossas subjetividades tratando-nos como massa inócua, a ser modelada, pode, sim, ser superada, na medida em que valorizemos nossos códigos de construção do saber, nossa ancestralidade e a forma como compreendemos o mundo, o que conseqüentemente passa a implicar em novas formas de intervenção. Assim ao ter contato com sua poesia, tive contato com o inquieto, que ali se apresenta.

Foi a resiliência, que emergia de suas linhas, que a princípio me arrebatou e, como se diz à moda maranhense, “foi bem aí” que olhei nos olhos de Beatriz. Tive medo, e suspeitei ser difícil dizer da

potência que ela trazia não só no corpo de seu poema, mas nas entrelinhas, no subtexto, me tornei cúmplice das suas horas de insônia e comprimidos; fiquei chorosa e não menos egoísta por não ter encontrado em outro tempo, seu sorriso ou abraço, assim como seu deu com Lélia Gonzalez no Recife do Encontro de Negros Norte-Nordeste, no ano de 1989.

Quando soube de sua partida, me senti só, revoltada, sobremaneira ultrajada e agredida pela circunstância, que, aliás, nos coloca em números ampliados quando falamos e se falamos de mulheres vítimas de homicídios, ao mesmo tempo e de forma sórdida e paradoxal. Mas é importante também que se diga: até a angústia muda seu foco quando percebemos que há mais a ser apresentado, para além do drama. Essa forma de vivenciar as coisas aprendi no trabalho, no teatro amador.

Digo isso porque venho de um estímulo de direção onde Boal e Stanislavisk estavam na mesma estante, sacudida pelo estrondo desobediente dos intrépidos Zé Celso Martinez e Plínio Marcos. Nela estavam também os Cadernos Negros, o Sortilégio de Abdias do Nascimento (que admirado desde sempre por meu pai era chamado de Senhor Abdias) e a posteriori o Entre Dentes (Drama para negros em um ato) de Paulo Colina encaixou-se perfeitamente na mesma estante, para ser revisitado.

Assim, insisto na ideia de que o processo criativo é animado e aparece em convivência com passos de pertencimento e apropriação da identidade cultural.

Nesse burburinho, ouvi novamente nomes como o de Lélia e Beatriz, o que não me causou estranheza. Venho da cidade dos Bailes Black dos anos 70, do circuito da Rua Direita passando pelo Viaduto do Chá a caminho da Rua Barão de Itapetininga...

Afirmo, portanto, que na área do Baile onde passava a “circular”, também passavam jornais do movimento negro ou textos articulados com ele, tratando de uma temática não permitida e aproximada do que era taxado de subversivo, em anos que ainda eram de chumbo. Desta forma, foi no passeio dos pretos da sextas paulistanas, no entremear da esquina e da palavra, que de início encontrei Beatriz.

Provocações como estas, nos anos 80 das descobertas teatrais, também me tornaram voz na fala das mulheres do movimento negro e posteriormente “corpo inteiro” na construção pra lá de articulada do que entendo por movimento das mulheres negras.

Este movimento traz em seu escopo novas inquietações e discussões em todos os campos do arca bolso histórico social e político brasileiro, questionando situações de exceção e preconceito passando a reivindicar direitos como mulheres negras organizadas em grandes redes de articulação.

Depois do texto... o Ori!

Venho de uma militância, em parte parecida com o meu começo em teatro, na qual assistíamos e discutíamos livros, vídeos e filmes sobre a causa negra. Foi assim que o filme Ori, chegou às minhas mãos e apesar do meu contato distraído com a ficha técnica, desde o começo do filme suspeitei que tudo em Ori era mulher, rota, movimento, trânsito: um convite ao desvendar, uma estratégia a ser decodificada para encontrar o outro e reconhecer-se.

Aquela voz de mulher, para além da narrativa, a falar dos meus ancestrais, minha escola de samba, meus pares em África e aqui, a falar do Atlântico, mas não daquele da memória náufraga e negreira, mas das rotas que fortalecem o individual e o coletivo.

Vídeo e palavra me integravam àquela mulher inquieta, em seus lenços e pantalonas. Seu jeito de contar e o sorriso grande me fizeram sentir vontade de dar a mão e abraçar... e como se não bastasse havia também o silêncio das vagas atlânticas apontado para o sal das palavras. No caminho... o primeiro tropeço... diante do intenso poema chamado Beatriz.

Quando os poemas de Beatriz me foram apresentados tive a sensação de estar diante de um mosaico com encaixe tênue onde a pesquisadora e militante têm por interface a poetisa. Enfim, a materialização do Ori.

O ator Cacá Carvalho, na sua palestra no festival de Teatro em São Luis em 2012, observou que quando percebemos determinadas possibilidades é como se estivéssemos prestes a mergulhar numa piscina sem água sem o menor receio, prontas/os simplesmente para o que há de vir em termos do fazer teatral. Assim, aceitei o desafio.

Digo isso porque vi uma mulher negra no Brasil dos anos 80 mostrar uma poesia intensa e despojada onde a palavra aparecia com a força dos que resistem, dos que têm um propósito. Assim, coloquei os sentidos em prontidão, à disposição dessa poesia dotada de força e ternura sem exposição gratuita e, se me permitem, os maranhenses, uma poesia “de raiz”.

Desta forma, essa mulher colocada discute seu tempo, ao revelar épicos em meio ao contexto urbano como em... *Transgressão*:

(...)

Houve uma guerra no Rio

Pra quem não soube um delírio

Produto de alucinação

Houve uma ação contra o morro

Armada e genocida

Que regou aquelas colinas

De sangue de baixo acima

(...)

Beatriz fala com quem conta histórias da oralidade, de suas raízes de mulher negra e nordestina como em Insegurança:

(...)

Nasci segura em rede esticada

Em praia de claras águas

Em ventre bom e gostoso de poderosa mulher

No caminho topei com a primeira pedra

Grito de terror diante da luz

(...)

Beatriz também se coloca identificada com o panorama afro-religioso como o que é visto no poema Inusitado:

Antes tudo acontecesse como antes aconteceu

Não vindo como algo novo

Seduzindo o que não estava atento

Antes tudo acontecesse como o aviso do sinal

Atenção! Está prestes a se concretizar

E não como serpente silenciosa em seu silvar

(...)

E aproveita para fazer sua música se propagar em Absurdo:

De longe de muito longe ouço um toque de jazz

De longe de muito longe ouço acordes de paz

Ou ainda quando fala de inquietações e vulnerabilidades, tão presentes na seara das mulheres negras, vítimas, ora da invisibilidade, ora da pressão imposta pela discriminação e preconceito, expressa em Surto Final:

Meu médico não está

Como esta noite irei sonhar

Com flores e coisas linda

Comigo como menina

Certa vez eu fiz criar

Choro a zanga de menina

Que com fantasias fazia

A coisa acontecer

Num divagar fascinante

De rotas, sonhos e falas

Que comigo se fez crescer

Diante da poesia de Beatriz Nascimento, entre outras intenções, pretendo sempre levá-la aos palcos pelo fio condutor da palavra e da ação, assim como também encontrar seu ruído e silêncio, texto e subtexto, palavras e imagens, preferências e inquietações.

Percebo sua poesia com um argumento dramaturgico ímpar tendo em vista a densidade que está para além do verso, em íntima conexão com as redes de identificação cultural do povo negro, o que nos estimula a trabalhar em teatro levando também em conta a ampliação da visibilidade da mulher negra em movimento, com todo seu impulso criativo, em toda sua potência.

A iluminação poética de Beatriz Nascimento

CHRISTEN A. SMITH

AS PALAVRAS DA escritora Afro-Americana Audre Lorde (1984) inspiram minha reflexão sobre Beatriz Nascimento: “Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro do qual predicamos nossos sonhos e esperanças para a sobrevivência e mudança, feita pela primeira vez para a linguagem, então a ideia transformada em ação tangível” (p. 37). Para Beatriz Nascimento, poesia não era um luxo, era iluminação — a qualidade de luz na qual ela examinou a vida, o afeto e o amor. Para as mulheres negras da diáspora a poesia tem sido uma ferramenta de sobrevivência e imaginação. É o espaço dentro qual nós refletimos sobre o mundo e imaginamos um mundo melhor – mais compassivo, mais justo, mais ancestral. É através da poesia que descobrimos nossa memória coletiva e nosso poder antigo. Nós escondíamos este poder nos nossos ventres. É um poder que trouxemos da África através do navio negreiro. A poesia de Beatriz Nascimento é uma comunhão com esse legado: a história das nossas negras-mães do presente, do passado, através da diáspora.

O tema desta reflexão é a memória coletiva e sua transmissão. Beatriz Nascimento deixou um cofre simbólico de contribuições filosóficas em sua poesia. No entanto, precisamos lê-la não simplesmente como uma contribuição artística, mas também como uma extensão da suas contribuições intelectuais. De fato, para a mulher negra a poesia sempre foi uma meio de expressão teórica, além de ser uma maneira de comunicar seu afeto.

Apesar de ter escrito poucos artigos e ter deixado apenas alguns trabalhos publicados, o legado intelectual de Beatriz Nascimento é amplo e profundo. Suas teorias e reflexões são aportes

imprescindíveis. Suas teorizações sobre quilombo, o atlântico negro, o corpo negro e a experiência da subjetividade negra nas Américas, são preciosas contribuições para a tradição intelectual negra das Américas que apresentam a perspectiva única da mulher negra brasileira. Tradicionalmente, tanto no Brasil quanto na diáspora Africana, enfatizamos as contribuições intelectuais dos homens enquanto as teorias das mulheres permanecem invisíveis.

Beatriz Nascimento escreveu ensaios sobre várias questões, de racismo no Brasil até mulheres negras e o amor, e quilombos. Ao colocar sua biografia em diálogo com as outras fontes de informação, podemos desenvolver uma compreensão multidimensional de quem foi Beatriz Nascimento e o que ela significa para a tradição intelectual negra global. Ainda sabemos muito pouco sobre Nascimento e suas contribuições. Muito do que sabemos é proveniente do trabalho de seu biógrafo Alex Ratts (2007). *Eu sou atlântica* é o primeiro livro a narrar a vida de Beatriz Nascimento e republicar alguns de seus ensaios. Além dessa biografia, outra importante fonte disponível é o longa-metragem que ela narrou e é personagem, filme dirigido por Raquel Gerber, intitulado *Ori*. O filme permite-nos aprender o legado intelectual de Beatriz Nascimento e sentir sua presença.

Esta coletânea de poesia é, portanto, uma contribuição significativa. Sua voz como uma poeta e nos dá uma visão mais profunda de Beatriz Nascimento como intelectual e como pessoa. Ele também aumenta o nosso conhecimento de sua autoria teórica e criativa. Este livro é uma contribuição inestimável para a nossa memória coletiva acerca de Beatriz. É mais do que apenas uma coleção de poemas, é uma janela para a sua vida, suas esperanças, seus sonhos e seu gênio.

Na vida das mulheres negras, a poesia é nossa introspecção ao mesmo tempo em que é nossa contribuição teórica. Para apreciar a contribuição desta coletânea de poemas à nossa compreensão das contribuições de Beatriz Nascimento, é preciso primeiro reconhecer o importante papel que a poesia possui como um espaço liberatório para as mulheres negras. Tanto no Brasil quanto nas Américas, as mulheres negras têm um forte legado como poetisas. Antes da universidade e a formação

formal, tínhamos a poesia para guardar nossas idéias (LORDE, 1984, p. 36). A escritora Conceição Evaristo refere isso nas suas reflexões sobre o jeito poético da sua mãe, que não sabia ler e nem escrever, mas fazia poesia com seus gestos e seu jeito de ser. Para o povo negro, a poesia não é simplesmente um modo de expressar emoções. Evaristo diz,

Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. (EVARISTO, 2000, p, 2).

Como observa Lorde, dentro da poesia da mulher negra, existe uma forma de comunicação não verbal, sob linguagem, que carrega os nossos sentimentos e interpretações do mundo (LORDE, 1984, p. 83).

Em “A Corrida Pela Teoria” (*The Race for Theory*), Barbara Christian (1987) apresenta uma crítica da europeização da teoria na crítica acadêmica. Sua reprovação é direcionada principalmente para aqueles que, ao valorizar a filosofia ocidental, menosprezam as tradições e contribuições intelectuais negras e indígenas. Se ao se envolver com a produção intelectual criativa das mulheres negras, sentimos constantemente a necessidade de minimizar essas experiências como expressões culturais puras, em vez de espaços de políticas de produção de conhecimento que apresentam a sua própria visão teórica, desvalorizamos a importância deste trabalho criativo. Reconhecendo a poesia como uma contribuição teórica das mulheres negras, se nota o valor intelectual dessas contribuições e desconstrói a ideia do negro folclórico, sincrônico e não-humano, que perpetua as dinâmicas de opressão entre o Norte e o Sul. Como Christian escreve: “As pessoas não brancas sempre teorizaram, mas em formas muito diferentes da forma ocidental de lógica abstrata. E eu estou inclinada

a dizer que o nosso teorizar (e eu intencionalmente uso o verbo em vez do substantivo) é muitas vezes em formas narrativas, nas histórias que criamos, em enigmas e provérbios, no jogo com a linguagem, uma vez dinâmica ao invés de ideias fixas parecem estar mais ao nosso gosto. De que outra forma temos conseguido sobreviver, com tal ânimo, o assalto em nossos corpos, instituições sociais, países, nossa própria humanidade?” (CHRISTIAN, 1987, p. 52). A literatura negra tem sido nosso refúgio para sobrevivência.

Sabemos das obras acadêmicas de Beatriz Nascimento, que **uma das suas principais contribuições teóricas foi sua teorização de quilombo**. A prática de quilombo – fuga e resistência à escravidão e criação de espaços autônomos – ocorreu nas Américas entre os africanos escravizados (PRICE, 1973). Dos cimarrones do Panamá e do Peru, aos palenques de Cuba e aos maroons da Jamaica, os africanos escravizados estabeleceram um padrão e uma prática de fuga e luta em resposta às injustiças da escravidão. Os quilombos foram manifestações dessa tradição no Brasil, sendo Palmares o mais famoso deles (GOMES, 2005). Beatriz Nascimento imaginou quilombo como espaço de memória. Ela estava profundamente atenta às complexas políticas da história para os negros, e às formas pelas quais as histórias dos povos negros foram apagadas em função da tendência de privilegiar arquivos escritos em detrimento dos arquivos orais (NASCIMENTO, 1982). Em sua avaliação, a memória está no centro de qualquer projeto que aborde o passado negro e sua importância social, histórica e cultural. Neste sentido, acredito que a poesia era um espaço simbólico de quilombo para Beatriz Nascimento. Ela defende uma noção mais ampla de quilombo, que vai além do conceito de comunidades remanescentes, para sugerir que essas comunidades são territórios negros que a um só tempo representam coletividades políticas, sociais, culturais e ancestrais. Para ela, os quilombos são espaços negros autônomos de libertação definidos por sua continuidade histórica. No conceito de Beatriz, “A continuidade seria a vida do homem – e dos homens – continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância

e subserviência.” (NASCIMENTO, 1982, p. 110). A poesia é também um espaço de continuidade histórica e territorialidade.

Um elemento-chave de sua definição de quilombo é a sua identificação do corpo negro como uma metáfora para a zona de fuga. Quilombo é um espaço de fuga da opressão e um espaço potencial de liberdade corporal, mental e espiritual. Suas teorias articulam uma relação simbólica entre quilombo (como um modelo de libertação, conceito político, a realidade material e espaço histórico e cultural) e territorialidade, corporalidade e subjetividade negra. O baile black, a escola de samba, o terreiro, as comunidades remanescentes quilombolas, são espaços de liberdade para negros brasileiros que, como os quilombos do período colonial, são definidas por transmigração, fuga e refúgio. A poesia também é tal espaço.

A pesquisa empírica de Nascimento reconhece as realidades geográficas contemporâneas de quilombo, mapeando as memórias de quilombolas através da etnografia dos arquivos. Ela conduziu sua pesquisa empírica mais substantiva em três quilombos no estado de Minas Gerais na década de 70. Estava convencida de que quilombos poderiam não só ser definidos como espaços “remanescentes”. Ela teorizou a “favela” como um espaço de quilombo — provocando-nos a imaginar o quão longe seu modelo de quilombo pode ir como modelo anti-estado. Voltando às palavras de Evaristo, “viver a poesia em [circunstâncias de colonização e escravidão] de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contra fala ao discurso oficial, ao discurso do poder.” Se a poesia era um espaço de quilombo para Beatriz Nascimento, era também um espaço de fuga e libertação — um território negro político.

Outras poetas negras das Américas tiveram um imaginário similar. Ao discutir a obra da poetisa canadense Dionne Brand, a geógrafa cultural Katherine McKittrick (2006) escreve: “humanidade é sempre geográfica - sangue, ossos, mãos, lábios, pulsos, esta é a sua terra, seu planeta, sua estrada, seu mar” (p. ix-x). Ela continua a dizer: “ela me lembra que é a terra da pele... uma menina pode

legitimamente tomar posse de uma rua, ou uma cidade inteira, ainda que em termos diferentes do que pode estar familiarizado com... existe um terreno através do qual diferentes histórias geográficas podem ser ditas” (p. ix-x). McKittrick fala explicitamente sobre as geografias alternativas constituídas pelas experiências das mulheres negras da diáspora. Suas idéias nos conduzem a considerar os caminhos que a vida imaginativa e material de mulheres negras desestabilizam a noção predominante do corpo negro como um espaço sem geografia e lembrar que o espaço não é dado, mas produzido. A leitura de McKittrick acerca de Dionne Brand e da relação entre espaço, lugar e subjetividade feminina negra ecoa as idéias de Beatriz Nascimento sobre quilombo e o espírito da sua poesia.

Ao longo do filme *Ori* que Beatriz Nascimento realizou junto com a cineasta Raquel Gerber, ouvimos a voz de Beatriz em sua tonalidade poética. Sua narração incorpora reflexões sobre quilombos e seus significados políticos, sociais e culturais para a diáspora negra. Ela alterna entre o eu-filosófico e a reflexão pessoal — a dor e o prazer da memória. Sua imagem também aparece no filme, permitindo-nos vê-la como militante fervorosa do movimento negro, argumentando veementemente em prol da descolonização do conhecimento e do sistema universitário brasileiro na Universidade de São Paulo. Também podemos vê-la em casa como pessoa calma e reflexiva, que poeticamente pensa sobre o que significa ser negra no Brasil.

Em *Ori* Beatriz descreve o quilombo como espaço de libertação localizado no corpo negro. Este princípio é baseado no conceito do povo Ioruba de Ori (cabeça) no Candomblé da nação Ketu. Ori mostra seguidores religiosos em um estado de transe. Estes momentos são estados de libertação do ser. O estado de transe ou receber uma entidade espiritual é um espaço de quilombo. Assim, a poesia também é uma experiência religiosa. O documento principal da transmigração é o corpo (RATTS,

2007, p.68). O corpo é também, de igual modo, o espaço de memória. É a extensão dos limites, misturando-se com a paisagem. O corpo é poesia e a territorialização da memória. A poesia é um veículo para a transmissão da memória coletiva. Evaristo nota que,

(...) A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo. Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida (EVARISTO, 2000, p. 2).

A mulher negra é e sempre foi precariamente colocada dentro do estado-nação nas Américas. Por conta disso, a mulher negra vem contando com a memória coletiva e sua transmissão a fim de articular-se como sujeito político. A poesia de Beatriz Nascimento, tal como seus ensaios e publicações acadêmicos, nos impulsiona a repensar a política de memória negra na América Latina, imaginando memória política como a que está tanto à terra e desterritorializada para os brasileiros negros. Os negros em toda a América Latina constroem sua subjetividade através de memórias diaspóricas coletivas de “home” (ancestralidade, África, espaço autônomo, auto-determinação). Esses imaginários ligam nossos corpos com corpos de outras pessoas negras em toda a Circum-Atlantic. Esta memória coletiva é menos uma questão de fato ou ficção. Antes de ser a produção afetiva, é também a produção de comunidade política e identidade.

A morte precoce de Beatriz Nascimento deixou-nos suspensos no eco de sua voz poética. Ela deixou sua alegria, a sua dor, suas esperanças e seus sonhos em sua poesia. Mas também deixou sua complexidade, sua vontade de resistir ao racismo e opressão, e sua ancestralidade. Em seu ensaio, “Tranformação do Silêncio” (“*Transformation of Silence*”), Audre Lorde (1984) também nos lembra que “a transformação de silêncio em linguagem e ação é um ato de autorrevelação que parece sempre

cheio de perigos... [ainda] que a visibilidade que nos torna mais vulneráveis é que é também a fonte de nossa maior força.” (p. 42). A poesia de Beatriz Nascimento era sua força maior. Esta coletânea da poesia de Beatriz Nascimento mais uma vez prova que ela é uma das intelectuais negras mais importantes do nosso tempo.

Referências

CHRISTIAN, Barbara. *The race for theory*. Cultural Critique (1987): 51-63.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf.

GOMES, Flávio dos Santos. *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul*. São Paulo: Contexto, 2005.

LORDE, Audre. *Sister Outsider*. Freedom, The Crossing Press, 1984.

MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: Black women and the cartographies of struggle*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2006.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. *Estudos Afro-Asiáticos*, vol. 6, n. 7, 1982, p. 259-265.

PRICE, Richard. *Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas*. Garden City: Anchor Press, 1973.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

Citações, expressões e outras referências

Sobre os Poemas:

Sonho – Apêndice não publicado ao artigo “A mulher negra e o amor”.

O inesperado aconteça – “apareça como a luz / Do sol batendo na porta do meu lar”... Versos de Luz do Sol, composição de Carlos Pinto e Wally Salomão, gravada por Gal Costa no disco Fatal – Gal a todo vapor em 1971

Transgressão – Poema escrito em setembro de 1987 no período em que houve uma grande ação policial no Morro Dona Marta, situado em Botafogo, na Zona Sul, onde Beatriz residia.

Legbá – Referência ao orixá Exu. O poema inicia dedicado ele e segue voltado para Oxumaré, cuja saudação brasileira é Arroboi!. “Sursum corda”: expressão latina utilizada antigamente nas missas católicas e quer dizer “corações ao alto”.

Jaga ou Imbangala – povo do qual provinham alguns dos principais formadores da instituição militar denominada quilombo no antigo reino do Congo e vizinhos em meados do século XVII

Razzia – ataque a território inimigo; pode ser seguido de saque.

Aeroporto – “Como John in “just a jealous / Guy”, no cry...” Referência à canção Just a jealous guy de John Lennon, gravada no disco Imagine de 1971, expressão que pode ser traduzida por “apenas um rapaz ciumento”.

Mídia I - “Ah! Cidade / Sinto calor, sinto frio / Nor-destino do Brasil / Vivo entre São Paulo e Rio / Porque não posso chorar”. Trecho de Épico, canção de Caetano Veloso, gravada no disco Araçá Azul de 1972.

ALEX RATTS/PESQUISA

Autoras e autores

ALEX RATTS – Antropólogo, geógrafo e poeta. Estuda e escreve acerca de raça, etnia, gênero, sexualidade e espaço. Autor de *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* (São Paulo, Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007) e co-autor com Flávia Rios de *Lélia Gonzalez* (São Paulo, Selo Negro, 2010).

ARNALDO XAVIER (1948-2004) – Poeta e teatrólogo, autor de *Boleros Pretos, A Roza da Recusa, Ludlud e Manual de Sobrevivência do Negro no Brasil* (ilustrado pelo chargista Maurício Pestana). Participou de várias coletâneas poéticas.

BEATRIZ NASCIMENTO (1942-1995) – Historiadora, ativista, poeta. Pesquisadora de temas como quilombos, relações raciais e culturas negras. Co-autora com Helena Theodoro Lopes e José Jorge Siqueira de *Negro e cultura no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. (Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1987).

BETHANIA GOMES – Bailarina, professora de dança e diretora. Trabalhou em projetos de diversas empresas, a exemplo de Complexions, Mark Foreigner Project, Ballet Copenhagen International, Dansendents e Dance Theatre of Harlem, onde se tornou a principal bailarina e excursionou para África do Sul, Austrália, China e grande parte da Europa.

CHRISTEN A SMITH – Antropóloga social e cultural, professora da Universidade do Texas em Austin, com pesquisas na área de performance, corpo, raça e violência desenvolvidas no Brasil e América Latina.

CONCEIÇÃO EVARISTO – Romancista, ensaísta e poeta. Graduada (UFRJ), mestre (PUC-Rio) e doutora em Letras (Literatura Comparada) (UFF). Autora dos romances “*Ponciá Vicêncio*” e “*Becos da Memória*”; Antologia poética “*Poemas da recordação e outros movimentos*” e Antologia de Contos “*Insubmissas lágrimas de mulheres*”.

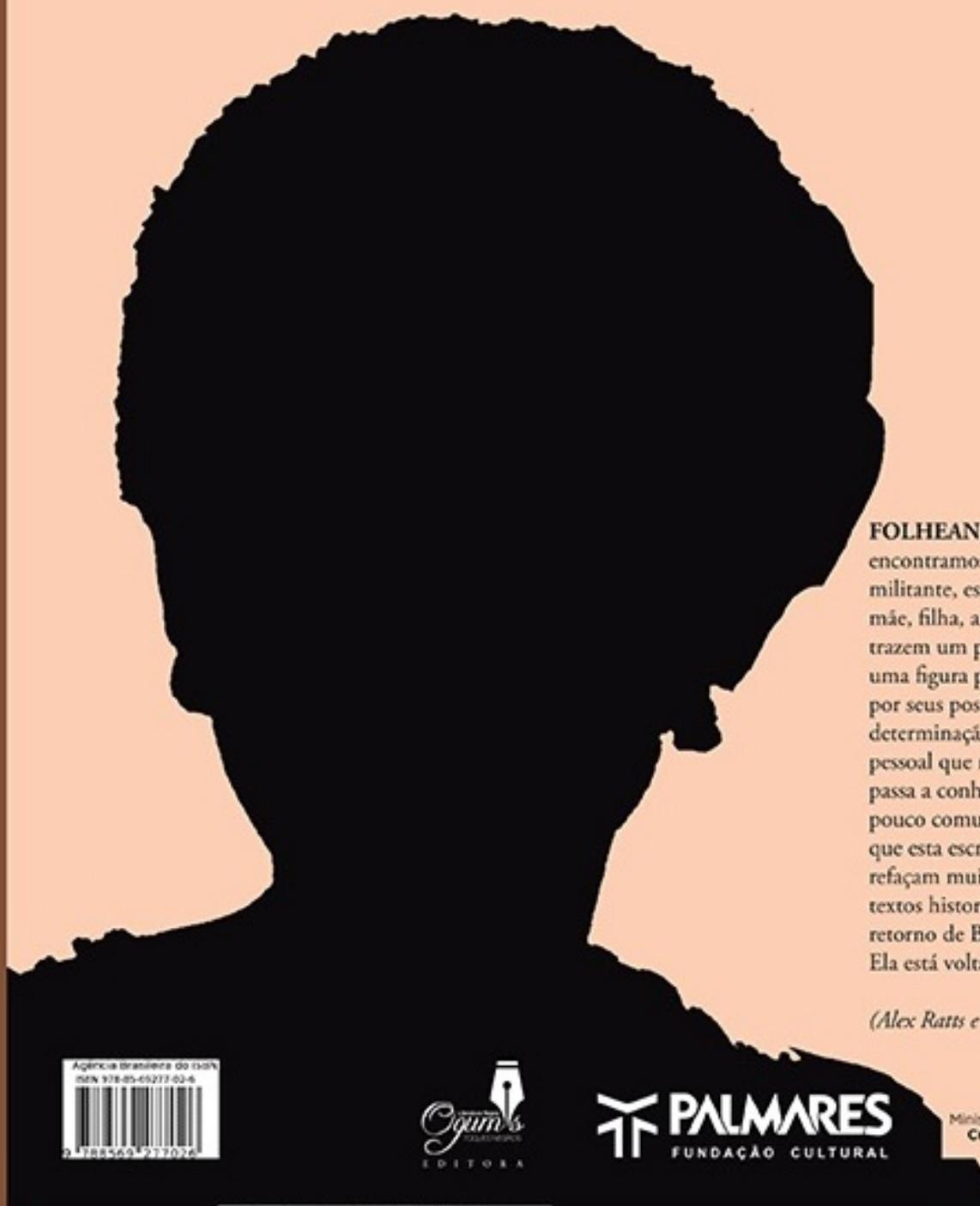
ILÉA FERRAZ – Ilustradora, atriz e diretora com experiência em teatro, novelas e filmes. Participou de apresentações de espetáculos na Europa e em Angola. Ilustrou o livro infanto-juvenil *Chica da Silva*, a mulher que inventou o mar . Atuou, dentre outros, nas peças *Os Negros* (Jean Genet), *Doroteia* (Nelson Rodrigues), *Hamlet é Negro* (adaptação da obra de William Shakespeare) e *Besouro Cordão de Ouro* (Paulo César Pinheiro).

LÚCIA GATO – Atriz, ativista do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa, paulistana radicada em São Luís do Maranhão. Protagoniza a montagem do monólogo *Eu sou Atlântica* baseada na poesia de Beatriz Nascimento. É também professora da rede pública do Estado do Maranhão e Especialista em Saúde da Mulher Negra (UFMA).



site: www.ogumstoques.com
email: editoraogums@gmail.com

MARIA BEATRIZ NASCIMENTO nasceu em Aracaju, em 1942, cresceu e viveu na cidade do Rio de Janeiro, onde se tornou estudante, professora, pesquisadora e militante, até 1995, quando teve sua trajetória interrompida num ato de misoginia e feminicídio. Casou com arquiteto e artista plástico caboverdiano José Freitas Gomes com quem teve a filha Bethânia Nascimento Freitas Gomes, professora e artista independente que foi prima bailarina do Dance Theatre of Harlem. Seu segundo marido foi o músico Roberto Serfaty Rosemberg. Cursou História na Universidade Federal do Rio de Janeiro e paralelamente fez estágio em Pesquisa no Arquivo Nacional. Assumiu a função de professora da rede estadual de ensino fluminense. Concluiu o Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal Fluminense, instituição na qual fez parte da formação do Grupo de Trabalho André Rebouças, um dos pioneiros em trazer a abordagem das relações raciais para o espaço acadêmico. Beatriz estudou os quilombos, o racismo e a diáspora africana. Viajou a Angola em missão de estudos e ao Senegal para o Festival Panafricano de Arte e Cultura. Participou como pesquisadora, autora dos textos e narradora do filme Ori de Raquel Gerber. Escreveu diversos poemas e ensaios em forma de prosa poética, muitos dos quais estavam inéditos.



FOLHEANDO estes papéis encontramos uma pesquisadora, militante, escritora, poeta e também mãe, filha, amiga, irmã. São textos que trazem um pouco da vida particular de uma figura pública, bastante conhecida por seus posicionamentos e por sua determinação, que tinha uma escrita pessoal que marca igualmente quem passa a conhecê-la tratando de temas pouco comuns à militância. Esperamos que esta escrita poética permita que se refaçam muitas distâncias com seus textos historiográficos. É mais um retorno de Beatriz Nascimento. Ela está voltando.

(Alex Ratts e Bethânia Gomes)



Ministério da
Cultura

